

A MULHER QUE EU SONHEI

- Uma comédia em tres atos, de ROBERTO LIS (Erico Cramer) da S.B.A.T. -

PERSONAGENS

- MAURO - 30 anos. Poeta rico e escritor de renome.
- ROBERTO - Homem de quasi 40 anos, pobre. Musico inspirado, amigo intimo de Mauro.
- BALBINA - Preta velha. Mãe de criação de Mauro e Roberto.
- ANTONIO - Creculo malandro, cria da casa.
- D.MALVINA - Tia de Mauro. Senhora de idade avançada com pretensões a mocinha.
- HELENITA - Filha de dona Malvina. Menina simples, despreocupada, ignorante da sua beleza.
- SEBASTIÃO - Criado alinhado.
- LUIZA - Criadinha nervosa e irriquieta.
- Mme. SUZETE - Senhora rica e elegante.
- SEU JOAQUIM - Marido de Mme. Suzete. Homem simples e comodista.

-----  
Atualidade  
-----  
• • •

CENARIO: Uma casa de campo em estilo Colonial Portuguez, propriedade de Mauro, mobiliada com muito gosto e conforto. Um grande terraço ao fundo, do qual se descortina uma bela paisagem de campo, com arvores e um serro longiuo. Uma pequena escada praticavel dá acéssao ao andar superior, por um dos lados da casa. Um piano, cadeiras colonias, mesinhas esculpturadas, objetos de arte, abat-jours, radio, tapetes, uma pequena estante com livros tudo disposto com muita arte e elegancia e em obediencia ao estilo da casa. Ao rasgar-se o velário, estão em cena Mauro e Roberto. Mauro veste um elegante robe de chambre de seda escura. Roberto, cabelos a embranquecer nas temporas, veste calça de casemira e um casaco de pijama comum. Está sentado ao piano. Mauro de pé, junto dele, tendo na mão um papel, cantarola as ultimas estrófes de uma canção sentimental. É quasi meio dia.

CENA I

MAURO E ROBERTO

ROBERTO

Parece que está.

MAURO

Toca outra vez, vamos ver.

ROBERTO (Levantando-se do piano)

Não. Por ora basta. Vou tomar o meu banho que estamos quasi na hora de almoçar.

MAURO

Porque levantaste tão tarde hoje? Dormiste mal?

ROBERTO

Mais ou menos.

MAURO

As duas horas da madrugada eu vi que tinhas luz no quarto mas pensei que a tivesses esquecido acesa porque não ouvi ruido nenhum.

ROBERTO

E que fazias tu acordado aquela hora da noite? Fazes-me o favor de dizer?

MAURO

Meditava.

ROBERTO

Já sei. Continuas a pensar constantemente naquela mulher que viste em sonhos. Tu estás ficando maluco, Mauro? Si eu disser a qualquer pessoa de juizo que tenho um amigo que sonhou com uma mulher a quem nunca tinha visto antes e que está perdidamente apaixonado por essa mulher, a pessoa dirá inconcinente: "esse camarada é louco".

MAURO

Tu não me podes compreender, Roberto.

ROBERTO

Não serei eu só, meu amigo, acho que ninguém poderá compreender uma coisa destas.

MAURO

Basta que eu a compreenda.

ROBERTO

Mas isto é uma loucura e eu não posso permanecer de braços cruzados deante dela. Não posso permitir que abandones a cidade, o convívio dos teus amigos que te estimam, da sociedade que te reclama, para vires te enterrar aqui sósinho a pensar numa mulher que não existe.

MAURO

Como és modesto, meu caro amigo. Sósinho eu? Então o senhor não é ninguém? A tia Balbina, o Antonio...

ROBERTO

Ora, Mauro, deixa-te de tolices. Bem sabes que tia Balbina e Antonio não são criaturas com quem tu possas trocar ideias ou manter uma conversação. A tia Balbina, coitada, não tem outra preocupação que não seja a de agradar-te. E o Antonio não pensa em mais nada senão em corridas de cavalos e não faz outra coisa do que meter-se na conversa dos patrões.

MAURO

Decididamente, Roberto, você implicou com o coitado do Antonio. Ele no fundo é um bom rapaz e sobretudo muito prestativo.

ROBERTO

Bem, isto não interessa. O que interessa é que nenhum dos dois, será capaz de estabelecer contigo um assunto qualquer que possa trazer proveito ao teu espirito.

MAURO

Quem sabe?

ROBERTO

E o pior de tudo é que tu já nem dormes á noite, para que não te abandone um só momento a tal imagem da mulher que viste em sonho. Não te bastará o dia todo para uma idiotice desta natureza?

MAURO

Levantaste-te azedo hoje, heim?

ROBERTO

Mas isto é demais, Mauro! Não é possível concordar contigo. E depois eu já começo a ficar neurastênico nesta solidão. Há mais de um mez que estamos aqui nesta vida santa de comer, dormir...

MAURO

É sonhar!...

ROBERTO

Isso continua a sonhar que has de ver onde é que vais terminar. Sabes que estás muito mais magro?

MAURO

Impressão.

ROBERTO

Não é impressão, não. Vai te pesar e vê. Emagreceste pelo menos tres kilos. (pausa. Outro tom) Mauro, a nossa canção está pronta; porque não voltamos para a cidade?

MAURO

Deus me livre! Estou muito bem aqui. Si tens vontade de voltar podes ir sozinho; eu ficarei. Eu já não podia mais suportar aquelas velhas a me assediarem o dia todo: "Sea Mauro precisa casar, está na idade" e logo a seguir, sob qualquer pretexto: "A minha filha é uma perfeita dona de casa. Sabe fazer tudo".

ROBERTO

(rindo) É a piór de todas, parece-me, era a tua propria tia, não?

MAURO

Nem me fala. Que mulher terrivel!

ROBERTO

Em compensação a filha encanta pela sua simplicidade, a sua candura! É uma creaturinha adoravel!...

MAURO

É uma creaturinha sem personalidade. Uma figura apagada, para dizer malhor! É desses tipos de mulher tão insignificantes espiritualmente que nunca conseguiram deter os olhos de um homem num estudo mais apurado dos seus encantos fisicos.

ROBERTO

Oh Mauro, tu és injusto com Helenita!

MAURO

Sou justo comigo mesmo. Digo aquilo que sinto. É demais, Helenita não é o meu tipo. É bem a antítese perfeita da mulher que eu sonhei.

ROBERTO

Com ela, entretanto, não me parece que se passe o mesmo, a teu respeito.

MAURO

Qual, Roberto! Helenita, não gosta de mim. Simplesmente submete-se a tudo o que sua mãe quer.

ROBERTO

(Com viva expressão de contentamento) Achas mesmo que ela não gosta de ti?

MAURO

Estou certo disto.

ROBERTO

Mas não lhe ferás a injustiça de pensar que o teu nome e a tua posição é que a façam submeter-se a este capricho de sua mãe?

MAURO

Não, Roberto, absolutamente. Helenita não teria necessidade alguma de ambicionar a minha fortuna. Ela é rica também. Submete-se a tudo por timidez. Helenita seria incapaz de levantar a sua voz para contrafazer tia Malvina, como seria também incapaz de fazer sentir a um homem um afeto especial que lhe dedicasse, somente por timidez. Cesará com o homem que tia Malvina escolher, sem um gesto de recusa, sem uma palavra de protesto em defeza da sua felicidade, unica e exclusivamente por timidez.

ROBERTO

E o homem escolhido por tia Malvina foste tu.

MAURO

É mas comigo ela perde o seu tempo. (Roberto suspira profundamente)

CENA II

Os mesmos e Balbina

BALBINA

(Aparecendo a porta) Óia o armoço, patrãozinho.

MAURO

O que é que você fez hoje, tia Balbina?

BALBINA

Um churrasquinho de carnero, saleda, arfacia, arrois de forno e guisadinho de xarque com abobrinha.

MAURO

(a Roberto) Vamos seu abobora, vamos almoçar. (Balbina sai)

ROBERTO

E o meu banho?

MAURO

Deixa paíá logo senão o churrasco esfria.

ROBERTO

Bem, então vamos. (saiem conversando)

CENA IIIANTONIO (só)

(Surgindo ao fundo com um balaio de verduras no braço e lendo um recorte de jornal) Em primeiro lugar o Andurinha. (pensa um pouco) O Andurinha ganhá de corpo inteiro da egua do Manduca! Não pode sê. O Andurinha tava dopado. Ou foi então foi o Malachia que topô o jóqui pra não tã que pagá as minhas rapadura. (coçando a cabeça) que buraco! Pra que é que eu fui apostá? Agora a donde é que vó arrumá uma garrafa de cana prá pagá o Malachia? (vê um jornal em cima da mesa, solta o balaio no chão senta-se numa poltronã tira uns óculos do bolso, coloca-o no nariz e começa a procurar os programas do praço. Vai folhando o jornal e falando:) Sociá...nascimento...enterro...crime passioná...despôrto...Ah, é aqui. (bota o jornal em cima da mesa) Turfo. Pá-rio doismil metro. Alavanca, Pica-pau, Violeta, e Torniquete. Ah, vai ganhá o Torniquete, nem tem que vê. Essa é barbada.

CENA IV

Os mesmos e Balbina.

BALBINA

(entrando) Antonho, adonde é que tã as verdure, Antonho? Num pude fazê as ba-ge pro patrão praque mecê saiu às nove hora e só agora é que vortô. O que é que tu andô fazendo, negrinho do diabo?

ANTONIO

(sem deixar o jornal) Ué, que é que eu andei fazendo! Percurando as verdura.

BALBINA

Vá contá essa historie pra otro, diabo. Então mecê pensa que eu sô troxa? Mecê tava era na cancha de osso discutindo carrera com o Malachia e o Ozébio.

ANTONIO

Tá aí, o Ozebio nem tava lá.

BALBINA

Esi tivesse, antão, você nem me aparicia hoje, semvregonha. Dexe isso, Antonho, vem prá cusinha me ajudá, caminha.

ANTONIO

Péra um mucado, Eu vô fazê um bétí e já vô.

BALBINA

Mecê vai fazê o que?

ANTONIO

Vô fazê um bétí.

BALBINA

(Repreensiva e desconfiada) Isso não é porcaria, Antonho?

ANTONIO

Porcaria nada, é parpíte pras corrida de domingo.

BALBINA

Eu logo vi. (O telefone toca, Balbina atende) Quem fala? O seu Mauro? Não si-nhora, foi caçá. Vai dimorá uns dois ou treis dia, sim sinhora. Da nada. Sim sinhora.

ANTONIO

(Que tem continuado a olhar o jornal, escrevendo nomes de cavalos em um pedaço de papel, olhando muito admirado para Balbina) O que é isso, tia Barbina, a sinhora, uma metrona respeitave, mintindo anssim desse geito? Tá bancando a egua passarinhera, disguiando pros lado, é?

BALBINA

Dexe de sê bobo, ouviu negrinho? É órde do patrão. Dexe isso aí e venha duma veis pra cusinha me ajudá. (Pega no balaio das verduras e vai selado. Na por-ta para um momento examinando as verduras, Antonio está de costas para ela, in-clinado sobre a mesa escrevendo sempre.) Caminha, Antonho, bamo negrinho.

ANTONIO

(Sea se virar, fazendo o gesto de quem afasta um importuno) Não chateia.

BARBINA

Antonho! Tu vê lá como fala, Antonho!

ANTONIO

(Repetindo o gesto) Não chateia! (Balbina sai. Ele continua olhando o jornal, muito atento ao que está anotando) Bem-te-vi, Periquita, Torniquete. (Pense um pouco, com o lapis no canto da boca) Não. Bem-te-vi, Torniquete e Relampágo. (Roberto aparece á porta mas Antonio não percebe) Eu sô burro mesmo. Relampágo. Num é Relampágo, é Relâmpio.

CENA V

Antonio e Roberto.

ROBERTO

(da porta) Antonio!

ANTONIO

(distraído)(repetindo o gesto que fez a tia Balbina) Não chateia!

ROBERTO

O que é que você disse?

ANTONIO

(caindo em si atrapalhadíssimo) Eu...eu...eu não disse nada, seu Roberto, eu não disse nada.

ROBERTO

Como não disse nada? Você falou.

ANTONIO

(engulindo em seco) Eu falei, não foi seu Roberto?

ROBERTO

Falou sim.

ANTONIO

Pois é, não é, seu Roberto. Parece que eu falei mesmo.

ROBERTO

Parece não, que você falou.

ANTONIO

Pois é, não é seu Roberto? Eu falei...E o que foi mesmo que eu disse em seu Roberto?

ROBERTO

Pois era isso exatamente que eu queria saber.

ANTONIO

O sr. queria subê, não é seu Roberto? Pois é, pois...pois eu tava fazendo um bétí...e tava dizendo os nome dos cavalo...

ROBERTO

Quer dizer então que o cavalo "Não chateia" vai entrar no bétim que você está fazendo?

ANTONIO

(encontrando uma saída) É isso mesmo, seu Roberto. Vai entrá. Vai entrá sim porque ele vai sair numa disparada maluca.

ROBERTO

Pois, muito bem, então saia você na mesma disparada e vá buscar o vinho no armazém.

ANTONIO

Já tá aí, seu Roberto, já trouxe. A tia Barbina levou lá pra dentro. (Roberto sai) Papagaloi!...Gustei a ganhá esse pário. A currida tava feia pro meu lado!... (A campainha da rua toca. Ele vai ao fundo e grita para fora) Pode entrá. (observa um tempo) Ihi...Duas muié. O patrão vai ficá danado!...Ele não gosta nem de atendê o telefone quando é muié que procura ele. Manda dizê que não tá. (falando para fora) Essa porta aí memo, dona. Pode intrá não faça cirimonha. (voltando ao tom anterior) Vem uma potranca linda puro sangue e um cavalo de leiteiro. (Surtem a porta d. Malvina e Helenita. Esta com uma valise e a primeira com uma mala maior. D. Malvina veste-se com espalhafato ao passo que Helenita quasi pobrememente. Cabelos lisos repartidos ao meio e presos em duas grandes tranças)

CENA VI

Antonio, D. Malvina e Helenita.

MALVINA

(dirigindo-se a Antonio, falando ríspidamente) Boa tarde. O sr. é muito delicado, muito gentil! É a própria gentileza vestida de homem! Palavra de honra que nunca vi na minha vida um criado tão amavel, tão atencioso. (atirando-lhe a mala aos pés) Segure isto, seu incivil!

HELENITA

(constrangida) Mamãe!

ANTONIO

(que deu um pulo para trás no momento em que d. Malvina joga-lhe a mala aos pés) Tá bem, dona, tá bem, eu não sei o que é que eu fiz, mas si a senhora tá com vontade de xingar pôde xingar que eu já tô acostumado, agora, não precisa é batê.

MALVINA

Cale a boca, seu atrevido, seu insolente! Hei de queixar-me ao seu patrão pela sua falta de atenção com as visitas.

ANTONIO

Descurpe, dona...ainde que mal prigunte...e senhora podia me dizê o que é que eu fiz pra senhora?

MALVINA

O que é que o senhor fez? Essa é muito boa. O que é que ele fez!...Ele não sabe, o inocentinho! Grandessissimo grosseirão! Então isso é coisa que se faça deixar-me atrevessar o jardim inteiro com esta enorme mala na mão?

ANTONIO

Ah, então é por isso que a Madama tá braba?



MALVINA

Claro que é. Acha que não tenho razão? O senhor devia ter ido ao meu encontro lá no portão de entrada não era gritar daqui "Pode entrar" e deixar-me atravessar o jardim todo carregando esse peso sosinha.

ANTONIO

Mas a menina podia tê ajudado a senhora.

MALVINA

Cale-se, seu atrevido.

ANTONIO

Eu tô calado, dona.

MALVINA

Cale-se, já lhe disse.

ANTONIO

Mas eu tô cala....

MALVINA

(energica) Cale-se. Nem mais uma palavra!

HELENITA

(Repreensiva) Mamãe!

MALVINA

(sem atende-la) Onde é que está o seu patrão caçando, muito longe daqui?

ANTONIO

Não senhora. Ali na sala de janta.

MALVINA

Deixe-se de gracejos comigo, rapaz. Olhe que eu não sou de brincadeiras!

ANTONIO

Mas eu não tô brincando, dona, tô falando serio.

MALVINA

Onde é que está o seu patrão, diga?

ANTONIO

Eu já disse que tá aí na sala de janta mas a senhora num qué acreditar.

HELENITA

Deixe que eu vou ver, mamãe. (saida falsa)

MALVINA

Não senhora, você não vae. Ele é que deve vir receber-nos. (a Antonio) Vá chama-lo.

ANTONIO

Ele tá armoçando, madama.

MALVINA

E eu com isso? Vá chama-lo, já disse. (Antonio vai sair)

HELENITA

(a Antonio) Um momento. Mamãe, seria talvez mais conveniente que esperássemos um pouco. Para que interromper o almoço de Mauro? Não há necessidade.

MALVINA

Está bem, vá lá. Esperaremos aqui. Você vá lá para dentro e logo que o seu patrão termine de almoçar avise-lhe que estamos aqui. Veja lá si vai esquecer e deixar-nos aqui plantadas como dois de paus.

ANTONIO

Não esqueço, não madama. Como é a sua graça?

MALVINA

O que é que você tem com isso?

HELENITA

Ora, mamãe, certamente é para dizer ao Mauro.

ANTONIO

Pois é.

MALVINA

Diga-lhe que é a sua tia Malvina e a sua prima Helenita.

ANTONIO

Tá bem, madama, eu digo, (para si mesmo) Marvina. O nome da egua do seu Chico da Botica. E num mal comparando ela até é paricida. (sae fazendo requiebrós para Helenita que sorri complacente).

## CENA VII

D. Malvina e Helenita.

MALVINA

Uff, que calor!...Estou louca para lavar o rosto, passar um pente no cabelo e tirar este pó da viagem.

HELENITA

E porque não vai faze-lo? A senhora sabe onde é o banheiro não tem necessidade de esperar pelo Mauro.

MALVINA

Tens razão. É isso mesmo que eu vou fazer. Ajuda-me a procurar o meu pente e o meu sabonete.

HELENITA

Onde é que estão, a senhora se lembra?

MALVINA

Estão ali naquela valise. (Helenita abre a valise e procura sem encontrar)

HELENITA

A senhora tem certeza que estão aqui?

MALVINA

Tenho, sim. Mas si não estiverem aí estão naquela outra mala.

HELENITA

(rindo) Nesse caso a senhora não tem certeza de cousa nenhuma.

MALVINA

De cousa nenhuma virgula, de uma coisa eu tenho certeza absoluta.

HELENITA

De que é?

MALVINA

De casar-te com Mauro.

HELENITA

Duvido muito mamãe. ( com tristeza) Mauro não quer casar-se e si o quizesse não iria preferir logo a mim. Ha tantas mulheres bonitas que o procuram.

MALVINA

E por acaso tu não és tambem bonita?

HELENITA

Eu mamãe?!...Óra, francamente...

MALVINA

Francamente o que? Por acaso já te olhaste alguma vez ao espelho detidamente? Já reparaste os teus olhos? Os teus braços? Viste como eles são corretos, perfeitos? É bem capaz que nunca te tenhas dado ao trabalho de reparar neles.

HELENITA

De que me adiantaria nota-los si os outros não os notam?

MALVINA

Isso é o que tu pensas.

HELENITA

Não é não, mamãesinha, é a verdade. É uma observação que venho fazendo ha longos tempos. Quando vinha do Ginasio com as minhas colegas, os rapazes sempre dirigiam galanteios a todas elas. Sempre diziam a uma uma frase galante, faziam a outra um elogio. A mim nunca me disseram nada. Todas tinham sempre alguma coisa para contar dos seus namorados, dos rapazes que as acompanhavam até ao collegio e que as esperavam depois na hora da saída. Eu tinha vergonha de não ter nada para contar a elas e então mentia, mas a verdade é que elles não me acompanhavam nem mesmo de longe. Parece até que nem se apercebiam de minha existencia. Cheguei então á conclusão de que era muito feia e deixei-me ficar de lado.

MALVINA

Pois estás errada. Muito errada. Todas as pessoas que me conheceram quando moçinha, dizem que és hoje o meu retrato vivo. E eu fui muito bonita. Sempre dei nota. Não tirei nenhum premio de beleza porque naquele tempo não se faziam concursos, mas sempre fui considerada a moça numero um nos salões em que me apresentava.

HELENITA

É que naquele tempo o padrão de beleza era outro. Hoje tudo é diferente, mamãe.

MALVINA

Deixa de estar aí a dizer tolices. Tua mãe que te diz que és bonita é porque tu realmente o és.

HELENITA

Para ti que me vês com olhos de mãe. Haverá mãe alguma que ache feios os seus filhos? Eles podem ser feios, podem ser ruins, ladrões, assassinos, porque acima de tudo e antes de tudo são filhos. E elas mentem muitas vezes, para enganar a si mesmas. Os filhos não são ladrões, tiraram porque tiveram necessidade; não são assassinos, mataram para não serem mortos, e assim passam a vida toda sofrendo, às vezes, as maiores decepções e as maiores torpezas por (num suspiro) Ah, ser mãe!...

MALVINA

(abraçando-a, como vida) Minha filha, tu és um anjo! (beija-a)

HELENITA

(sorrindo) Não estarás mentindo a ti mesma?

MALVINA

Não. Uma filha terna e obediente como tu é um anjo que o Senhor deixou fugir do céu.

HELENITA

É isto mesmo, mamãe, caí do céu por descuido. (da-lhe o pente e o sabonete)

MALVINA

(segurando-os) Bem, eu volto num instante. (sae)

CENA VIII

Helenita, depois Mauro e Roberto.

( Helenita ficando só senta-se ao piano e começa a tocar o Réve d'Amour de Litz. Mauro e Roberto, após um momento assomam á porta, curiosos. Surpreza dos dois.)

MAURO

(contrafeito) Como, Helenita?! Você aqui?!...

ROBERTO

que agradável surpresa, Helenita!

HELENITA

(levantando-se e vindo apertar a mão dos dois) Como vai, Mauro? Como tem passado, Roberto?

ROBERTO

Esplendidamente bem, deste momento em diante.

MAURO

( com indisfarçável mau humor) Quando é que chegou?

HELENITA

Chegamos há pouco. Antonio não lhe disse que estávamos aqui?

MAURO

MAURO

Não disse nada. Mas...estavamos quem? Você e quem mais?

HELENITA

Eu e mamãe, é claro. Você sabe que nunca nos separamos. (Mauro olha significativamente para Roberto e senta-se desanimado) Não lhe damos prazer?

MAURO

(contrafeito, sorriso forçado) Sim, muito...muito prazer. Não é verdade, Roberto que nos dão muito prazer?

ROBERTO

(sincero) Sem dúvida. Um prazer imenso!

MAURO

E sua mãe onde está?

HELENITA

Estava com muito calor e aflita com o pó da viagem foi passar água no rosto. Ela já vem.

MAURO

(depois de olhar significativamente para Roberto) Estão de passagem, naturalmente...

HELENITA

Não. Mamãe pensa passar aqui uns dois ou tres meses. Si você consentir, está claro.. (Mauro faz uma cara de assombro mas não chega a dizer coisa alguma porque dona Malvina irrompe pela cena espalhafatosa).

CENA IX

Os mesmos e Malvina -

MALVINA

(para Mauro) Olá, meu querido sobrinho!...Como me sinto feliz em tornar a vê-lo. (abraça e beija Mauro).

ROBERTO

(divertindo-se) Ele também.

MALVINA

É verdade mesmo, meu sobrinho? Você também?

MAURO

(olhando com raiva para Roberto) Também, titia, também...

MALVINA

(dirigindo-se a Roberto e apertando-lhe a mão) E o meu caro maestro como vai? Sempre maltratando o coração das pequenas, não?

ROBERTO

Qual o que, dona Malvina, frases e nada mais. No fundo o maltratado sou eu. Então veio dar-nos prazer (olhando para Mauro intencionalmente) da sua amável companhia?

MALVINA

(encantada) Oh!...Muito amavel é o senhor.

ROBERTO

Sincero, dona Malvina, sincero.

MALVINA

Pois eu fui ao medico levar Helenita que andava meio adoentada e ele achou-a muito enfraquecida, muito anemica, aconselhando-me então novos ares, uma estadia de dois ou tres mezes num lugar quieto, socegado...Comecei a pensar para onde poderia leva-la quando me lembrei que vocês estavam aqui.

ROBERTO

(gostando Mauro) Foi uma lembrança felississima! (Olhar de furia de Mauro para Roberto).

MALVINA

Eu ha muito tempo que desejava prosseguir as minhas lições de canto aqui com o nosso caro maestro, (Roberto faz uma cara de quem não gostou, desta vez é Mauro quem ri) então disse á Helenita:Vamos para a casa de Mauro. Helenita sempre muito cheia de coisinhas e de bobagens, poz uma serie de embaraços, fez mil e uma considerações mas eu achei que era tollices e vim porque acho que entre parentes não deve haver ceremonias. Não concordam que fiz bem?

ROBERTO

Claro que fez muito bem, não é verdade, Mauro?

MAURO

(fuzilando Roberto com os olhos) Fez, sim, fez muito bem.

MALVINA

(a Mauro) Sei que a casa é pequena, mas tu nos dás o teu quarto (Roberto ri ás ocultas) e passas para o quarto do maestro Roberto (Roberto faz cara de quem não gostou. Ai é Mauro quem ri). e eu ficarei lá muito bem com a Helenita. Não está bem assim?

ROBERTO

Perfeitamente bem; não achas Mauro?

MAURO

(contrafeito) Está, está muito bem. De qualquer forma está bem.

MALVINA

Vai ser uma temporada maravilhosa!...Pelo menos para nós.

ROBERTO

E para nós tambem.

MALVINA

Será para todos, então.

ROBERTO

Sim, para todos. (Olhando Mauro) Sem excepção.

MAURO

Já almoçaram?

MALVINA

Comemos alguma coisa no trem mas confesse que estou com fome.

MAURO

Bem, então vamos até lá dentro que eu vou dar ordens á tia Balbina para preparar alguma coisa.

MALVINA

Um momento, Mauro; antes quero fazer-te uma reclamação. Isto é, uma não, duas.

HELENITA

Ora, mamãe!...

MALVINA

É necessario, minha filha.

MAURO

Faça, titia, faça as suas reclamações.

MALVINA

O teu criado é muito desatencioso; deixou-me atravessar o jardim todo carregando esta enorme mala.

MAURO

(á parte) Que coisa bem feita! Está muito bem, titia, hei de recriminá-lo por isto, esteja descansada.

MALVINA

Não é o bastante. Ele será despedido e veremos um outro para o seu lugar.

MAURO

Está bem, titia, está bem; veremos isto depois. Agora venha almoçar.

MALVINA

Não, espere aí, Ainda tem mais.

MAURO

Diga.

MALVINA

Telefonei da estação perguntando por ti e a tua empregada mentiu-me que tinhas ido caçar e que demorarias dois ou tres dias.

MAURO

Ela não tem culpa, titia. Realmente quando saímos dissemos a ela que iríamos demorar aquele tempo, mas resolvemos o contrario porque vimos que não havia muita caça.

MALVINA

Ah, bem, então está certo, porque empregados que mentem eu não admito. (sai com Mauro)

CENA X

Helenita e Roberto .

ROBERTO

(rindo) A sua mãe vai fazer uma revolução dentro desta casa!

HELENITA

Mamãe é impossível. Receio às vezes, que as pessoas percam a paciência com ela

ROBERTO

Mauro é muito paciente, não tenha receio.

HELENITA

E o senhor?

ROBERTO

Também. Principalmente á vista das mulheres bonitas.

HELENITA

Refere-se...

ROBERTO

A você, Helenita; bem sabe que a acho bonita.

HELENITA

Como poderia sabe-lo, Roberto?

ROBERTO

Deduzindo. Não são poucas as vezes que você me tem surpreendido a contempla-la. (ela faz um ar de admiração) Não crê na sinceridade das minhas palavras, Helenita? Porque sorriu?

HELENITA

Não, nada. Surpreendi-me apenas.

ROBERTO

Surpreendeu-se? Helenita...será mesmo possível que você ainda não tenha compreendido? Será mesmo possível que você não tenha sabido dar a verdadeira significação á prece mudá dos meus olhos?

HELENITA

( muito surpresa) Você, Roberto?!...

ROBERTO

Eu, sim. E você ainda duvida? Porque imaginou, então, que a procurasse tão insistentemente com o olhar?

HELENITA

(natural) Por curiosidade. Nunca pensei que alguém pudesse olhar para mim de maneira diferente.

ROBERTO

E porque não, si você possui todas as qualidades capazes de entusiasmar o coração do homem mais indiferente? Beleza, candura, simplicidade, pureza e so-



bretudo alma, muita alma, uma das cousas mais difíceis de encontrar na mulher dos dias que correm.

HELENITA

(admirada e sincera) Eu Roberto?! Eu tenho tudo isso?!...

ROBERTO

Tudo isso e muito mais, Helenita. Você é uma creaturinha encantadora! Eu gosto imensamente de você.

HELENITA

(com os olhos perdidos na distancia, enleada pelas palavras que escuta mas inteiramente alheia a quem as pronuncia) O Amor!...As palavras de amor que eu tanto sonhei ouvir dos labios dele!... (Roberto anima-se sem compreender a verdadeira significação daquelas palavras e aproxima-se mais de Helenita para desfechar o golpe final, quando Antonio aparece ao fundo).

CENA XI

Os mesmos e Antonio.

ANTONIO

Chi!...que corrida braba!...E a cancha tá boa porque tá lisinha, lisinha. Num tem obstaculo niun. Dixa dá o siná da saída. (alto) D. Helenita. (Helenita leva um choque e desce do munda da fantasia em que se achava. Roberto afasta-se visivelmente contrariado). A dona...a dona... a dona...Marva tá chamando a sinhora pra armoçá.

HELENITA

Já vou. (á Roberto) Com licença, sim? Até já. (sai)

CENA XII

Roberto e Antonio.

ANTONIO

(que acompanhou Helenita com os olhos até ela sumir-se na porta, dirigindo-se se a Roberto) O sinhô arreparô seu Roberto que turnuzelo fininho? Essa é mesmo de puro sangue!...

ROBERTO

O que eu reparei foi que tu chegaste exatamente quando não devias chegar.

ANTONIO

Pois é, seu Roberto, eu também arreparei mas que é que o sinhô qué que eu faça? A dona Marva mandô chamá, eu não sô culpado. O sinhô sabe que quando ela manda a gente tem que fazê. O sinhô discurve, seu Roberto.

ROBERTO

Está bem. (Roberto tira um livro da estante, senta-se e começa a ler. Antonio começa a aproximar-se dele olhando para traz e para os lados, a cada passo que dá, como quem fosse contar-lhe um segredo).

ANTONIO

Seu Roberto...

ROBERTO

(sem levantar os olhos do livro) O que é?

ANTONIO

ANTONIO

Seu Roberto...

ROBERTO

O que é que tu queres, rapaz, fala.

ANTONIO

Eu quiria, seu Roberto...Eu quiria...

ROBERTO

Diz logo, rapaz.

ANTONIO

Eu quiria que o sinhô botasse uma musguinha nuns velso que eu fiz. O sinhô bota, seu Roberto?

ROBERTO

(fechando o livro) O que? Como é que tu disseste? Uns versos que tu fizeste?

ANTONIO

É, sim sinhô.

ROBERTO

Mas então tu também fazes versos? Tu também és poeta?

ANTONIO

Poeta, poeta, memo eu não sô, mas vô fazendo os meus velsinho nas hora calada do dia.

ROBERTO

Nas caladas da noite é o que tu queres dizer?

ANTONIO

Não sinhô, seu Roberto, é do dia memo. Na hora da sesta tá tudo calado, drumindo, eu não posso drumi então faça velso.

ROBERTO

Muito bem, então vamos ver.

ANTONIO

(começa a procurar os versos em todos os bolsos sem conseguir acha-los em nenhum; por fim solta uma exclamação de quem se lembra onde está. Senta-se numa cadeira, tira a botina, mete a mão dentro dela e tira um papel) Tá aqui.

ROBERTO

Mas francamente...Tu não tinhas outro lugar para guardar os teus versos?

ANTONIO

Não vô que a tia Barbina tava procurando eles pra botá no fogo e eu então garrei e escondi aqui.

ROBERTO

Então vamos, lê.

ANTONIO

(extendendo o papel para Roberto) É mió o sinhô memo lê.

ROBERTO

(Vai pegar o papel mas lembra-se que estava dentro da botina; faz uma cara de repulsa, recolhe depressa a mão) Não, é melhor você ler, O autor é que os deve ler.

ANTONIO

Tá bem. Antão o sinhô ova que eu vô lê. (lendo) Na saída das currida eu vi ela na janela dum sobrado em frente ao Prado; eu vinha meio arruacêro, tinha perdido dinheiro no cavalo malacara que perdeu de corpo intero. Foi quando oiei pro sobrado e fiquei intusiasmado cum seus óios de viludo; eu tinha perdido tudo mas ganhei os óio dela, da minina da janela, bonita como uma frê e pensando no sobrado vejo que é certo o ditado: quem não tem sorte no jogo tem sorte sempre no amô. Bonito!... Não é seu Roberto?

ROBERTO

Muito bem, seu Antonio, muito bem. Não sabia que você também dava pra isto.

ANTONIO

O sinhô viu que bússola que eu tenho?

ROBERTO

É, sim.

ANTONIO

pois eu intê sô o credô do Tesorada, uma sociedade Recreativa lá da minha zona.

ROBERTO

Não sabia, não. Eu não ando muito ao par dos grandes movimentos sociais.

ANTONIO

Antão o sinhô faiz uma musiquinha pros meus velso, seu Roberto, faiz?

ROBERTO

Faço, sim.

ANTONIO

Antão tá aí.

ROBERTO

(vai segurar o papel mas lembra-se que estava dentro da botina e recolhe depressa a mão) Não, Antonio, eu não entendo a sua letra. Ela parece que está um pouco apagada. É melhor você ditar os versos que eu escrevo noutro papel.

ANTONIO

Tá muito bem, seu Roberto.

ROBERTO

(apanhando lapis e papel) Pronto, pode ditar.

ANTONIO

Tudo di infiaida?

ROBERTO

Não, assia não. Aos poucos. A medida que eu for escrevendo você vai ditando.

ANTONIO

Já sei, o sinhô qué dizê simurtaneamente.

ROBERTO

É, deve ser.

ANTONIO

Antão lá vai. (ditando) Na saída das currida - currida com dois érre. (Roberto sorri) eu ví ela na jânela. Ela com um éle só. Jinela com dois éle.

ROBERTO

(achando graça) Porque ela tem só um éle e jânela tem dois?

ANTONIO

(pensando) Porque...porque...porque ela é uma só, não tem outra e jânela tem munta. O sinhô vê que quasi todas as casa tem duas jânela ou treis jânela...

ROBERTO

É isso mesmo. Continua.

ANTONIO

Num sobrado enfrente ao prado. (Roberto vai escrevendo o que ele dita repetindo de quando em vez a ultima palavra) Eu vinha meio arruacêro. Arruacêro com dois érre.

ROBERTO

Porque?

ANTONIO

Porque? (coçando a cabeça) Antão o sinhô não sabe, seu Roberto? Porque...porque arruacêro vem de rua e rua o sinhô vê que não hay uma só hay muntas.

ROBERTO

É isto mesmo, tem razão. (Antonio fica tolo envaldecido)

ANTONIO

(continuando) Tinha perdido tudo no cavalo malacara que perdeu de corpo inteiro. (outro tom) O sinhô sabe o que é perdê de corpo intero, seu Roberto? É como o Corisco perdeu pro Andurinha no dumingo passado.

ROBERTO

Eu sei, eu sei. Continua.

ANTONIO

(continuando) Foi quando ôiei pro sobrado e fiquei intusiasmado com os seus oios de viludo. Viludo com dois éle.

ROBERTO

Já sei. Um éle pra cada olho. Continua.

ANTONIO

(continuando) Eu tinha perdido tudo mas ganhei os óio dela, da minina da janela bunita como uma frô e pensando no sobrado vejo que é certo o ditado: quem não tem sorte no jogo, tem sorte sempre no amô. Tá.

ROBERTO

(após uma pausa em que esteve escrevendo) Muito bem... Agora, quando a musica estiver pronta eu chamo você para ouvi-la.

ANTONIO

E depois o sinhô me dá ela que eu quero levá pro chorinho do Tezourada tocá.

ROBERTO

Está certo. Agora você leve essas malas da D. Malvina para o quarto do Mauro.

ANTONIO

(admirado) A dona Marva vai ficá no quarto do seu Mauro, seu Roberto?

ROBERTO

Vai.

ANTONIO

E a moça?

ROBERTO

Tambem.

ANTONIO

(pegando as malas e saindo) Chii... que entrevêro!... (sae)

CENA XIII

Roberto e Mauro.

(Roberto volta a pegar o livro e vai sentar-se quando Mauro aparece, visivelmente contrariado)

MAURO

Que tal? Heim?

ROBERTO

Formidavel!

MAURO

(furioso) Formidavel, não é? Uma coisa horrível é o que é. Já estava tardando muito que não me aparecesse aqui alguem para roubar a minha tranquillidade.

ROBERTO

Aborreces-te por pouco, Mauro.

MAURO

MAURO

Pouco? Tu achas pouco? Não viste que ela já quer mandar dentro da minha casa? Que até os criados já quer despedir? É demais!...

ROBERTO

Calma, calma, fala baixo. Tem calma que tudo se arranjará. Não te afóbes.

MAURO

Pois é, pois então tu ficas aí arranjando tudo porque eu é que não aguento mais isto. Vou embora.

ROBERTO

Esta é muito boa!...Vais embora e eu fico aqui. Eu é que não tenho mais que ver com isto. A casa é tua não é minha. Vira aqui a teu chamado, para acompanhar-te.

MAURO

Isto é uma barbaridade! Não tem cabimento nenhum. Isso é uma coisa abominável. Então como é que uma creatura chega assim sem mais nem menos na casa de outra e começa a mandar e desmandar como si estivesse dentro da sua própria casa? Afinal tu vês que isso não é possível continuar porque tudo tem um limite. Se essa senhora pensa...(Helenita e d. Malvina surgem á porta e Mauro fica com o gesto e a palavra em suspenso, tratando de disfarçar a situação).  
Já...já...já almoçaram?

CENA XIV

Os mesmos Malvina e Helenita.

HELENITA

Almoçamos, sim. E por sinal magnificamente.

MALVINA

A cosinheira é boa.

MAURO

Vou mandar arrumar o quarto para se quiserem descansar...(gritando para dentro)  
Tia Balbina! Oh tia Balbina!

BALBINA

(de dentro) Já v8 lá, seu Mauro.

ROBERTO

Nós costumamos sestar nas redes, nos eucaliptos se quiserem acompanhar-nos...

HELENITA

que boa deve ser!

ROBERTO

Posso mandar botar mais duas redes?

MALVINA

Uma só porque eu não gosto de sestar depois do almoço, engorda muito.

BALBINA

BALBINA

(entrando) Chamô, patrõesinho?

MAURO

Chamei, sim, tia Balbina. Esvasie o meu guarda-roupa, troque a roupa da minha cama e mande armar no meu quarto aquela outra cama de ferro que está lá no quarto dos fundos.

BALBINA

Sim sinhô, patrõesinho. (vai sair)

ROBERTO

Olhe, tia Balbina (ela para e vira-se para atende-lo) diga também ao Antonio que arme mais uma rede nos eucaliptos para dona Helenita sepear.

MAURO

Não, Roberto, não é preciso. Ela pode ocupar a minha porque eu hoje vou sepear no teu quarto. E com isto peço que me dê licença porque estou cansadíssimo. Levante-me muito cedo hoje. (Balbina sai)

HELENITA

Pois não, é vontade.

MAURO

A casa é de vocês. (sai)

ROBERTO

(a dona Malvina) E a senhora o que vai fazer para passar o tempo; quer um livro?

MALVINA

Não, obrigada. Eu vou estudar um pouco de canto.

ROBERTO

(áparte) Adeus sexta! (Antonio atravessa a cena com os travesseiros e roupa de cama)

MALVINA

Este piano está afinado, meu caro maestro?

ROBERTO

Está sim senhora. (Antonio cruza novamente a cena desta vez, porém, com os braços vazios. Roberto fala-lhe á parte) Escute, Antonio, arme as nossas redes bem lá no fundo do parque de eucaliptos.

ANTONIO

(saindo e olhando com expressão malandira para Roberto e Helenita) O seu Roberto tá me saindo mió di que a incomenda! Si ele não se firma bem nos estribos da sela é capaz de cair na metade da corrida. A potranca é nova, inda num tá bem squerenciada com os arreio...bãoi...(see)

ROBERTO

Vamos então, Helenita? O Antonio já foi colocar as nossas redes.

HELENITA

Vamos, sim. (saca os dois)

CENA XV

D. Malvina sózinha e depois Antonio e Balbina,

(Malvina ficando só na sala senta-se ao piano e começa a cantar escalas. Antonio para-se á porta olhando-a com olhos muito arregalados e no momento em que ela dá um agudo diz:

ANTONIO

(rindo) que engraçado! A dona Marva parece a egua do Chico Funilero quando tá rilinchando! É tar quar!

BALBINA

(vindo correndo de dentro, muito assustada) Meu Deus do Céu, o que foi?

ANTONIO

Não é nada, não, tia Barbina, não se assuste. É a dona Marva que tá chamando os bombero!

BALBINA

Crede! Que susto!...

CENA XVI

Os mesmos e Mauro.

MAURO

(aparecendo ao fundo, dirigindo-se a Antonio) Antonio, ponha mais uma rede nos eucaliptos.

BALBINA

Ué, patrõesinho, o sinhô num tinha dito que perferia drumi no quarto do seu Roberto?

MAURO

Tinha dito sim, Balbina, mas (olhando com raiva para Malvina que continua nos seus exercicios de canto com todo o entusiasmo) dos males o menor.

C O R T I N A

Para final do 1<sup>a</sup> tempo do  
1<sup>a</sup> ATO



( É noite. A cena está apenas iluminada por um abat-jour pequeno que ha sobre a mesinha existente entre duas poltronas onde Roberto e Helenita conversam. Luar lá fóra. O radio está ligado muito suavemente e a musica serve de fundo ao dialogo.)

CENA XVII

Roberto e Helenita.

ROBERTO

Não posso compreender em que lhe possa ter surpreendido tanto a minha confissão.

HELENITA

Já lhe disse porque, Roberto. Nunca me senti capaz de inspirar tal sentimento a quem quer que fosse.

ROBERTO

Quer dizer então que você tem vivido até hoje á margem do amor?

HELENITA

Não quiz dizer mais do que disse.

ROBERTO

O que sabe você do amor, diga?

HELENITA

Muito mais do que desejaria saber, meu amigo.

ROBERTO

Berá possível que você...

HELENITA

Sei das horas de sono que ele nos rouba; da inquietação que ele nos faz viver pela incerteza de ser-se correspondida; da angustia que ele nos faz experimentar pelo receio de que outra mais afortunada possa roubar o objeto amado, da tristeza que ele nos faz sentir pelo abandono a que nos condena; do desespero a que ele nos atrai quando temos a certeza de que nada somos, nada representamos nada significamos, para aquele a quem demos todo o nosso afeto, todo o nosso carinho, toda a nossa vida, enfim!

ROBERTO

Desta vez sou eu quem se surpreende, Helenita. Quer dizer então que você já amou?

HELENITA

Amei e amo, Roberto. Amo e sofro porque tenho a certeza de que não sou correspondida.

ROBERTO

( após uma pausa, com expressão de angustia) Mauro?

HELENITA

(tristemente) Mauro, sim. (ha uma pausa, Roberto suspira) Eu talvez tenha sido má para você dizendo-lhe tudo assim tão claramente, mas que quer? É este o meu feitio. Sou franca como a minha mãe. É talvez este o único ponto em que nos parecemos. (nova pausa) (Roberto continua em silêncio) Perdoeme, Roberto, eu não desejava magoa-lo. Quero-lhe tanto bem! Gostaria tanto que pudessemos ser amigos!... Finalmente, encontramos-nos ambos no mesmo caso.

ROBERTO

Não, Helenita, o nosso caso difere num ponto. Eu sei que você não me ama, que não me pode amar porque já deu a outro o seu coração, ao passo que você...

HELENITA

Ao passo que eu...

ROBERTO

Mauro não manifestou até hoje uma predileção especial por esta ou aquela.

HELENITA

É para me dar uma esperança que você diz isto?

ROBERTO

Não, Helenita, é para ser sincero até o fim. Em verdade essa predileção que nos faz supor a aproximação do amor não se manifestou também nele com relação a você, mas o amor é sempre tão cheio de caprichos, tão cheio de imprevistos que essa predileção pode se manifestar de um instante para outro sem que se saiba como nem porque.

HELENITA

Quer dizer com isto que ainda posso ter esperanças?

ROBERTO

Acredito sinceramente que sim. Penso, entretanto, que si Mauro representa alguma coisa na sua vida...

HELENITA

(interrompendo-o) Tudo!

ROBERTO

Você não poderá cruzar indolentemente os braços á espera de que o destino venha realizar o sonho que você architetau.

HELENITA

E que devo fazer? O que me aconselha então?

ROBERTO

Aconselho-a a lutar pela sua felicidade.

HELENITA

(levantando-se) Muito obrigada, Roberto. Você é um grande coração. Vamos dormir que é já bastante tarde. (apertando-lhe a mão com uma dupla expressão de ternura e agradecimento e sobe a escada que dá acesso ao primeiro andar. Roberto fica olhando algum tempo para a porta por onde Helenita desapareceu e vem sentar-se depois junto ao relógio, imprimindo-lhe maior volume e ficando a escutal-o com o olhar perdido. Mauro entra vestindo um bonito pijama de seda)

CENA XVIII  
Mauro e Roberto.

MAURO

Que fazes aí?

ROBERTO

Quero um pouco de musica antes de deitar-me.

MAURO

Estás aborrecido?

ROBERTO

Ora essa, porque?

MAURO

Já não tens a mesma fisionomia de satisfação que tinhas esta tarde.

ROBERTO

Um pequeno contratempo.

MAURO

O que aconteceu?

ROBERTO

Uma dor de cabeça inesperada.

MAURO

Porque não vais te deitar?

ROBERTO

Sim vou já. Antes, porem, quero que me prometas que não farás esta noite o que fizeste a noite passada que a madrugada veio te surpreender aqui sentado. Chega de sonhar, Mauro. Tu já não estás mais em idade de proceder como um menino romantico. Enquanto os outros dormem passas uma noite inteira sentado numa poltrona.

MAURO

É uma diferença apenas de posição. Enquanto os outros sonham deitados eu sonho sentado.

ROBERTO

Enquanto os outros sonham dormindo e descansando o corpo, tu sonhas acordado, martirizando-o o que é muito diferente.

MAURO

Vai dormir, Roberto que o teu mal é sono. Vê se sonha com os anjinhos e te levantas amanhã com melhor disposição. Hoje estás simplesmente insuportavel.

ROBERTO

Não estou pior do que estavas tu esta tarde com a chegada de di Melvina e Helenita. Em realidade melhoraste bastante do jantar para cá. Dar-se-á o caso de teres já te conformado com a situação ou terás começado a apreciar melhor a companhia da tua gentil priatinha?

MAURO

Não digas tolices, Roberto. Já te disse que Helenita não me interessa. Não é a mulher que procuro. Assemelha-se muito a ela no typo, é verdade, mas está longe de ter a vida e a graça da mulher que eu sonhei.

ROBERTO

Estás completamente envenenado pelo teu sonho, Mauro. Queira Deus que não te ceuse ele ainda as mais funestas consequências.

MAURO

Não tês dê isso cuidado. Vai dormir, vai.

ROBERTO

Vou sim. Até amanhã e vê si não te deixas ficar aí a noite toda. (sac.)

CENA XIX

Mauro e depois Antonio.

( ficando só, Mauro começa a mexer na estante de livros procurando algum para ler. Depois de folhear um ou dois, deixa-os no lugar e vem sentar-se, acendendo um cigarro. Antonio aparece ao fundo.)

ANTONIO

Dá licença, patrão?

MAURO

A esta hora acordado, Antonio? O que é que tu queres?

ANTONIO

Eu quiria avisá o sinhô que eu vô botá a minha cama lá na copa porque eu num posso drumi no meu quarto com o barulho que a dona Marva faz lá em cima.

MAURO

Barulho?

ANTONIO .

É, sim sinhô. Ela parece que dorme de barriga pra cima e ronca que parece um motô de gazolina. Eu escuito tudo lá do meu quarto e num posso drumi. Ela ronca e assubia ao mesmo tempo. Eu nunca pude fazê isso.

MAURO

Porque você não fecha a janela?

ANTONIO

Tá muito calô, seu Mauro.

MAURO

Está bem, faça a sua cama lá na copa, então.

ANTONIO

Boa noite, patrão.

MAURO

Boa noite. (Antonio sai)CENA XI

Mauro e depois Helenita.

(Mauro permanece um instante ainda fumando. Apaga a seguir o seu cigarro e começa a divagar)

MAURO

Ha quanto tempo que a espero e ela não chega nunca!... (Helenita aparece na escada num pijama muito simples. Mauro está sentado de costas para ela e não vê. Ela tem uma ideia e desce, pé antepé, dirigindo-se a ele. Mauro continua divagando) As horas passam, os dias passam, passam os anos e eu continuo inutilmente a procura-la. (Helenita a este tempo já estará atraz dele e tapa-lhe os olhos com a mão).

HELENITA

(Corinhoba) quem é?

MAURO

(secaamente) É minha prima.

HELENITA

Estava pensando?

MAURO

Não, estava sonhando.

HELENITA

Não vale a pena sonhar. Os sonhos ás vezes são ruins e fazem a gente sofrer.

MAURO

Mas e quando eles são bons?

HELENITA

Sofremos talvez muito mais ainda ao acordar.

MAURO

Porque não sonhar si a propria vida é um sonho muito grande que se tem?

HELENITA

Poeta! (ouve-se uma voz cantando muito longe uma serenata. Helenita permanece um tempo escutando e a voz se perde na distancia) que bonito!... Como eu gosto de musica!... Como eu gosto de poesia!... (outro tom) é verdade, Mauro, por falar em poesia... Você não me mostrou as suas ultimas produções. Eu gostaria tanto de ve-las.

MAURO

Não vale a pena.

HELENITA

(magoada) Oh, Mauro, como você é ingrato! De-ar a impressão de que lho

aborreço o meu interesse pelas suas poesias, não cre que as aprecie sinceramente? Não cre que possa senti-las e compreendê-las?

MAURO

(arrepêndido) Creio, sim, Helenita, perdoe-me. Estou nervoso.

HELENITA

Cansaço, talvez. Você tem escrito muito, ultimamente, Mauro.

MAURO

Talvez. (levantando-se) Vou ler para você os ultimos versos que fiz.

HELENITA

(contente) Leia, Mauro, leia. (Mauro procura entre os seus livros um caderno manuscrito. Apanha-o e vem sentar-se numa poltrona. Ela desce e senta-se perto dele. Mauro folheia o caderno e lê):

MAURO

(lendo).....e eu passo pelo mundo incompreendido,  
pelo mundo que ri das minhas dores;  
este mundo no qual vivo perdido  
e que só me tem dado dissabores.

Este mundo que é mau e que é mesquinho,  
que é surdo á minha dor e á minha prece,  
que me afasta do amor e do carinho  
e do meu desespero inda escarnece.

E esse mundo que passa desatento,  
indiferente á minha grande pena,  
é o mesmo que a fraqueza de um momento  
não perdoa...e me aponta...e me condena!...

HELENITA

(apos um silencio, enlavadada) Como é bonito!...E quanta verdade encerram os seus versos, Mauro! É bem assim. Si eu passar chorando por um grupo de homens, um, dentre eles, terá talvez a curiosidade de perguntar: "O que foi?" e logo a resposta se fará ouvir, de um dos outros: "Não foi nada, qualquer coisa que lhe aconteceu." Atraz de mim pasará um carro de luxo ou uma mulher bonita e nenhum deles mais se lembrará que, momentos antes, uma infeliz ali passou chorando. Entretanto, si eu, por extrema necessidade, for obrigada a lançar mão de qualquer coisa que me não pertença, ou por força de um temperamento arrebatado e vibrante aceitar o carinho de um homem sem que as leis da igreja ou dos homens tenham dado o seu assentimento, não passarei jamais desapercibida; serei apontada por todos, sem excepção como uma mulher deshonesta (pausa, sorriso ironico) como si a minha desonestidade não fosse um fruto das suas proprias leis!...

MAURO

Você me surpreende, Helenita.

HELENITA

porque?

MAURO

Não a julgava capaz de uma reflexão tão profunda.

HELENITA

Pois eu o sou, creia. Apenas não costumo exteriorisar o que sinto com receio, ás vezes de escandalisar.

MAURO

Compreende, você então, que nem tudo que o poeta escreve é produto da sua fantasia, como afirmam geralmente?

HELENITA

Compreendo, sim, da mesma forma que compreendo a mentira poetica que na verdade não chega a ser uma mentira, porque os tipos e ambientes criados pelos poetas, si não tem existencia na vida real, vivem, pelo menos, na imaginação do poeta, fazem parte da sua vida interior, daquela vida que ele mesmo criou, porque sente necessidade de vive-la.

MAURO

Vejo agora que você tem bastante capacidade para compreender e sentir os meus versos.

HELENITA

Compreendo-os, sinto-os e os adairo. Somente uma coisa me desagradou nelas, Mauro.

MAURO

O que é? Diga.

HELENITA

É que os seus versos são sempre tristes. Porque?

MAURO

Porque refletem o meu estado de alma. Nacem do fundo dela; são tristes como ela é.

HELENITA

E no entretanto você tem tudo para ser feliz. É moço, inteligente, rico, festejado por todos os homens, desejado por todas as mulheres... O que é que lhe falta, Mauro?

MAURO

A mulher que eu sonhei.

HELENITA

E quem é ela?

MAURO

Não sei. Não a encontrei ainda. (falando em extase) Uma mulher que me compreenda, que saiba sentir os meus versos, que seja boa e carinhosa para mim, que me inspire, que me anime: alegre, viva, inteligente, capaz de despertar a inveja aos outros homens quando eu passar na rua por elles, conduzindo-a pelo meu braço, que tenha os dentes brancos como a poeira branca do luar e os cabelos negros como uma noite sem estrelas!

HELENITA

(repetindo as palavras de Mauro tristemente) que tenha os dentes brancos como a poeira branca do luar e os cabelos negros como uma noite sem estrelas!

MAURO

Mas ela tem custado tanto a chegar, tanto!...a vida vai passando e ela não chega nunca!

HELENITA

E você está bem certo de que ela será a sua felicidade?

MAURO

Sim, Helenita, não tenho duvida alguma.

HELENITA

E porque não vai então em procura da sua felicidade, uma vez que ela não vem ao seu encontro? Todos nós devemos lutar pela nossa felicidade.

MAURO

(Fica um instante parado, refletindo nas palavras de Helenita, sorri e fala animadamente) Sim, Helenita, você tem razão. É isto mesmo. Todos nós devemos lutar pela nossa felicidade. E eu estou, de agora em diante, disposto a lutar pela minha. E hei de lutar desesperadamente. Farei tudo para encontra-la. E hei de encontra-la, estou certo, nem que para isso seja necessário correr a todos os cantos do mundo. Ouga, Helenita: eu vou partir e só voltarei aqui quando trouxer comigo a minha felicidade.

HELENITA

E quando partirás, Mauro?

MAURO

Esta noite mesmo. (Olhando o relógio) Agora, neste instante. Há tempo ainda de alcançar o noturno para a cidade. Escute, Helenita, só você ficará sabendo que eu fui em busca da mulher que eu sonhei. Mas você não dirá nada a ninguém, não é verdade? Prometa-me, que não dirá nada a ninguém. Os outros rir-se-iam de mim. Não me compreenderiam. Você não dirá nada, não é verdade Helenita? Seja minha amiga, peço-lhe.

HELENITA

(quasi chorando) Sim, Mauro, não direi nada a ninguém e procurarei ser apenas sua amiga.

MAURO

Obrigado, Helenita. Adeus.

HELENITA

( enxugando uma lagrima furtiva) Adeus, Mauro.

MAURO

Não me deseja felicidade?

HELENITA

Sim, Mauro, desejo...Desejo-lhe todas as felicidades.

MAURO

Obrigado, Helenita. (pega-lhe as mãos, beija-lhe e sai precipitadamente. Helenita permanece imóvel, com as mãos estendidas e recolhe-as depois lentamente, acariciando-as, uma com a outra no lugar onde Mauro as beijou. Roça-as depois levemente nos lábios como a pretender sentir neles a sensação do beijo de Mauro. Dirige-se depois lentamente para um espelho que deve haver sobre um dos



moveis da sala, olha-se longamente a ele, entreabre os labios para ver os dentes, mexe nos cabelos e senta-se depois numa poltrona com os olhos vagos, repetindo as palavras de Mauro):

## HELENITA

"que tenha os dentes brancos como a poeira branca do luar e os cabelos negros como uma noite sem estrelas". (Dolorosamente) E ele nem sequer reparou que os meus cabelos são assim! Os meus pobres cabelos! Eu que sonhei tantas vezes senti-los acariciados pelas suas mãos! (Antonio aparece ao fundo, Helenita não o vê) Para que sonhar, meu Deus! Para que sonhar?!... (deita-se sobre o braço da poltrona a soluçar).

## ANTONIO

Sonhá não é nada. Pió é drumi de barriga pra cima que a pessoa ronca que num deixa ninguem drumi.

(Fano e fia do primeiro ato.)

-----

A MULHER QUE EU SONHEI

- Uma comédia em 3 atos de ERICO  
CRAMER (Roberto Lis) -

2º Ato

**GENARIO:** - A sala de visitas de uma casa elegante. É onde reside o casal Chagas Pinheiro. Pinturas lisas em amarelo queimado. Um terne de veludo em damasco vermelho, mesinha, um piano de meia cauda, coberto por um chaile sevilhano e sobre o mesmo um jarrão de prata com dahlias vermelhas. Um candelabro, dois ou tres quadros de autores celebres e alguns objetos de arte em porcelana da Bohemia. Telefone habilmente escondido por uma boneca de seda. Ao rasgar-se o velario a cena está deserta. O telefone toca. Luiza, creadinha agil e graciosa, vem depressa atendê-lo.

-----  
Cena I

Luiza e depois Sebastião.

LUIZA

(ao telefone) Alô! É da casa de Madame Chagas Pinheiro. Não senhora. Quem fala aí? Ah, dona Malvina não está, não senhora. Não sei onde foi mas não deve demorar porque está quasi na hora do jantar. Sim senhora. Direi a ela que lhe telefone. Está muito bem, assim que ela chegar. Não senhora, não tenha receio. Digo, sim senhora, digo. (zangada afetando gentileza) Não tem de que. Às suas ordens. (desliga) Ó velha infecta, cruzes! (imitando-a) Cuidado, não vá esquecer. Olhe é muito importante o que tenho para dizer-lhe. (outro tom) Vá para o inferno, cruzes! Parei com ela! (entra Sebastião)

SEBASTIÃO

(rapaz elegante: veste calça de smoking e colete listrado de amarelo e preto) O que é isso, Luiza? O que é que você está aí resmungando?

LUIZA

É a deletéria da dona Malvina que vive pendurada no telefone a aborrecer a gente. E fala que não para mais. Recomenda as coisas tres, quatro, cinco vezes. É insuavel. Hoje, então, não tem mais conta as vezes que tem telefonado para cá.

SEBASTIÃO

Eu sei o que é.

LUIZA

Você sabe, não é? Você precisa é perder essa mania de se "imiscuir" nos assuntos dos patrões. É muito pau esse negocio de andar espiando nas portas.

SEBASTIÃO

Quem foi que lhe disse que eu faço isso?

LUIZA

Ora, não, então eu não te conheço? Você sabe tudo o que se passa dentro desta casa.

SEBASTIÃO

Claro. Procedo como criado que se presa.

LUIZA

(curiosa) Afinal o que é que você sabe?

SEBASTIÃO

Já está curiosa, não é? Pois fique sabendo que a curiosidade é coisa muito feia.

LUIZA

Deixa de bobagem. Vai te abrindo, vai te abrindo.

SEBASTIÃO

É que a patrão anda como louca para conhecer o autor daquela canção que se ouve no rádio quasi todas as noites. D. Malvina conhece o "cara" sabe que ele está na cidade, mas, até hoje não havia conseguido encontrá-lo. Aposto que hoje ela encontrou o "cara".

LUIZA

Que coisa pau! Já telefonou mais de seis vezes. Ela pensa que eu não tenho mais nada que fazer do que atender o telefone?

SEBASTIÃO

Parece que o fraço de D. Malvina é exatamente esse: falar no telefone.

Ontem quando estive em sua casa para levar-lhe as musicas que a patroa mandou, ela estava pendurada ao telefone a falar para todas as pensões e hotéis da cidade, a procura do tal rapaz.

LUIZA

Coitada, ela acaba maluca.

SEBASTIÃO

Acaba, não, que ela já está.

LUIZA

É si geito regula...É você acha que a patrão fará alguma coisa por ele?

SEBASTIÃO

Si ele for simpatico...

LUIZA

Você sabe o que mais me admira em tudo isso? É a paciencia do patrão! Francamente, eu não sei como ele não dá estrilo.

SEBASTIÃO

Ora, Luiza, o seu Joaquim Chagas Pinheiro é um pai da vida. Tudo está bem para ele. Você compreende, um camarada já velho, com aquela cara, e casado com uma moça bonita e elegante como é Madame Suzete, fica com receio de perder o seu xuxú e vai tratando de fazer-lhe todas as vontades.

LUIZA

É porque ele não sabe o prestigio que as moedinhas tem. Enquanto ele tiver dinheiro pra gastar a mulher tá pra ele.

SEBASTIÃO

Dizes isso por experiencia propria?

LUIZA

Não. Eu sou do amor.

SEBASTIÃO

Você quer que eu lhe diga o que é que eu acho mal? Madame Suzete não esconder o seu entusiasmo por outro homem nem ao menos na frente dos criados.

LUIZA

Mas eu não sei o que é que tem esse camarada que está todo o mundo louco por ele. É a patroa, é a D. Malvina e até essa francesinha que está aí. Palavra que eu já começo a sentir curiosidade de conhecer esse cara.

SEBASTIÃO

Luiza, Luiza! Até você?

LUIZA

Não seja bobo, ouviu? Então eu não posso ter curiosidade de conhecer uma pessoa?

SEBASTIÃO

Bem, não precisa ficar zangada só por isso. De-me um beijinho, vamos.

LUIZA

Não dou.

SEBASTIÃO

Dá, sim.

LUIZA

Já disse que não dou.

SEBASTIÃO

(segurando-lhe o queixo) Eu sei que você dá. (Da-lhe um beijo. A campainha toca. Luiza vae atender. Sebastião vae para dentro).

CENA II

Luiza, Madame Suzete e seu Joaquim.

(Madame Suzete entra numa elegantissima toilette de rua, seguida por seu Joaquim que veste uma roupa quase amarela, numa casemira de quadros grandes; botinas amarelas, tambem, e uma corrente de ouro no colete.)

SUZETE

(zangada) Já tenho cansado de dizer ao senhor que não se dirija a mim quando encontrar-me na rua. E logo hoje, que eu vinha acompanhada de gente elegantissima que tudo repara. E voce com essa roupa horrorosa de quadros! Essa roupa é de um mau gosto incrível! Olhe só para isso. Veja si isso é roupa que alguém use!

JOAQUIM

Está bem filhinha, está bem. Não te tornarei a falar na rua.

SUZETE

Nem tornará a botar essa roupa, tão pouco. Essa roupa é horrível. Mexe-me com os nervos.

JOAQUIM

Mas filhinha, já que a mandei fazer devo aproveitá-la.

SUZETE

Aproveitar coisa nenhuma! Você vai jogá-la fóra o quanto antes. Veja lá si eu estou disposta a que me aconteça outra vez o que me aconteceu hoje.

JOAQUIM

Não ha de acontecer, filhinha, não ha de acontecer.

SUZETE

Parece incrível! Parece até mentira que se mande fazer uma roupa dessas. Mandar fazer não é nada. Usar é que é muito pior. E o senhor parece que tem uma predileção toda especial por ela porque desde que a botou não foi mais capaz de tirá-la. É para ir ao escritório, é para ir a cinema, é para fazer visitas, é para tudo. Qualquer dia desses o senhor ha de querer botá-la para ir também aos bailes de gala.

JOAQUIM

Não é tanto assim, minha querida. Eu só a tenho posto para o serviço e ademais tu bem sabes que a fiz adrede para isto.

SUZETE

Ó seu Joaquim, deixe de ser mentiroso. O senhor quando fez essa roupa foi com a intenção de usá-la para passar. Eu é que lhe disse que não fizesse isso porque ela era simplesmente horrosa.

LUIZA

(metida) Foi sim, foi verdade. A patroa disse que era muito feia. E é feia mesmo um pedaço!

SUZETE

Eu disse não foi Luiza? Disse.

LUIZA

Disse, sim senhora, disse.

SUZETE

Está aí, a Luiza é testemunha de que eu disse a você que a roupa era horrosa.

LUIZA

Disse. E o patrão disse que tinha feito para passar.

JOAQUIM

Ó menina, eu disse isto?!

LUIZA

Disse, patrão. Não adianta agora léro-léro, porque o senhor disse mesmo.

SUZETE

Disse, quem é que não sabe que ele disse. (transição) Mas escute aqui Luiza: alguém lhe perguntou alguma coisa? Você está ficando muito metida, heim? Porque você não foi lá para dentro em vez de ficar aí plantada a escutar a conversa dos patrões? Vá lá para dentro, ande.

Sim senhora, patroa, eu já vou. Eu estava só esperando que acabasse a briga para dar um recado a senhora.

JOAQUIM

Olhe, menina, briga não. Ninguém cá está a brigar. Reina sempre a paz nesta casa, graças ao Criador. Nós estávamos apenas a conversar.

LUIZA

Ah, era conversa? Então desculpe. É que a conversa esta assim tão animada que eu pensei que era briga. Desculpe.

JOAQUIM

Está muito bem, está desculpada e pode peneirar, pode peneirar.

SUZETE

Peneirar o que, seu Joaquim?

JOAQUIM

Peneirar. A senhora então não sabe o que eisto é? Peneirar quer dizer desguitar, dar o fóra.

SUZETE

Ó seu Joaquim, francamente! Se senhor não se corrige mais. Quantas vezes já lhe tenho dito que não quero que se use esses termos de giria aqui em casa? O senhor então não compreende que isto fica feio, fica mal, principalmente para mim que sou a dona da casa? Isso é proprio de gentinha.

LUIZA

É isso mesmo, patroa, tem razão. Eu também acho isso tão deletério. Fica pau a bessa.

SUZETE

É, não é? E também fica pau a bessa você continuar a se meter onde não é chamada. De-me o recado que tem para dar e depois vá tratando de pirar. (seu Joaquim olha-a admirado e Luiza tapa a boca para não rir) Eu disse pirar, não disse?

LUIZA

(rindo) Disse, sim senhora. A senhora disse pirar.

SUZETE

Estão vendo só? estão vendo? É por isso que eu não quero que usem termos de giria aqui em casa. Vão dizendo, vão dizendo, vão dizendo e a gente á força de tanto ouvir, acaba dizendo também sem se dar conta. Imaginem só si eu dissesse uma coisa dessas diante de Madame Lili ou da Consuleza Henriette? que vergonha! que juizo iam fazer de mim? (áy Joaquim) O senhor é que tem culpa. (a Luiza) E você também. Vivem aí a dizer quanto termo inventam lá esses malandros da Favela e o resultado é que depois a gente sem querer lá esdizendo todos. Fica decidido de uma vez por todas que não se usa mais os vai termo de giria aqui em casa. O senhor tá entendendo?

JOAQUIM

Sim, queridinha.

SUZETE

E você também fica oiente.

LUIZA

Okêi. (tapa ligeiro a boca com a mão.)

SUZETE

( depois de repreende-la com os olhos ) Transmita também ao Sebastião as minhas deliberações neste sentido.

LUIZA

Sim senhora.

SUZETE

Bem, de-me o recado agora e depois vá lá para dentro.

LUIZA

O recado patroa? Que recado?

SUZETE

Pois então você não acabou de me dizer que tinha um recado para me dar? Será possível que já não se lembre mais?

LUIZA

Ah, é verdade'. É que foi tanto léro-léro que eu até ia me esquecendo do recado.

SUZETE

Luiza, Luiza!... Você acaba exgotando a minha paciência, creatura. Eu não acabei de dizer que não quero mais saber de termos de giria aqui em casa?

LUIZA

Desculpe, patroa, foi sem querer. Escapou.

JOAQUIM

É, as vezes acontece. (Luiza fulmina-o com os olhos. Ele procura justificar-que disse) Escapa, quando a gente quer segurar a palavra ela já vai longe.

SUZETE

Que recado é que você tem para mim?

LUIZA

A dona Malvina telefonou e pediu pra senhora tocar o telefone para ela que ela tem uma coisa muito importante pra dizer pra senhora.

SUZETE

E só agora é que você me diz isso? Porque não me disse a mais tempo?

LUIZA

Ora essa! Porque não tive tempo. A senhora não me deixou falar.

SUZETE

Não deixei falar'. Você não tem feito outra coisa senão falar. Está bem, vá lá pra dentro. (Luiza sai)

(Madame Suzete vai ao telefone e dá-sca. Enquanto isto seu Joaquim começa a tirar o colarinho e a gravata que, desde o principio da cena o estão incomodando)

SUZETE

Alô! Querida é você? Suzete, sim. Vou bem, muito obrigada e você? Que novidade tem para mim? É? Diga. (Exagerada) Achou?!...que bom!...E quando pensa você traze-lo aqui? Hoje? Pode ser, sim, como não? A qualquer hora, minha querida; nós não vamos sair mais hoje. (seu Joaquim olha para Suzete como quer dizer alguma coisa) Onde é que vocês estão? Ah estão muito perto. Podem vir agora, sim. Não tem importancia porque nós já jantamos. (seu Joaquim olha novamente para Suzete fazendo uma expressão de grande espanto). Vou espera-los então, Até já.

JOAQUIM

Ó filhinha, eu ainda não jantei e hoje quero ir ao circo.

SUZETE

Ir ao circo fazer o que?

JOAQUIM

Ver a mulher que engole espadas. Dizem que é um numero de sensação.

SUZETE

É, mas hoje você não vai porque nós vamos ter visitas. Kai amanhã ou depois. Ela engole isso todos os dias e a visita que nós vamos ter hoje é a primeira vez que vem á nossa casa não seria elegante você sair.

JOAQUIM

Está bem, está bem.

SUZETE

E olhe, seu Joaquim, aqui não é lugar de você se despir, vá fazer isso lá no quarto. (ele vai sair) E trate de jantar depressa e botar o smooking depois.

JOAQUIM

(parando á porta e fazendo um ar de martirio) O smooking?

SUZETE

O smooking, sim. (empurrando-o para dentro) Vá, vá jantar de uma vez. (Joaquim sai)

CENA IV

Suzete Sebastião e Luiza.

SUZETE

(abrindo a porta) Sebastião, ó Sebastião, depressa! (começa a dar uns retoques na sala)

SEBASTIÃO

(entrando) A senhora chamou?

SUZETE

Chamei, sim. Nós vamos ter visitas agora. Prepare uma garrafa de champanhe, abra uma lata de biscoitos de amendoas e ponha-nos naquele prato de cristal azul que está na cristaleira. Telefone á confeitaria do seu Fagundes, do telefone lá de dentro. (Sebastião vai sair) Sebastião venha cá.

SEBASTIÃO



SEBASTIÃO

Pronto, madame.

SUZETE

Onde é que você vai?

SEBASTIÃO

Telefonar pro seu Fagundes.

SUZETE

Prá dizer o que?

SEBASTIÃO

Que a senhora quer falar com ele.

SUZETE

Não é nada isto. Escute.

SEBASTIÃO

Pois não, madame. (vai sair)

SUZETE

Peça-lhe que mande em seguidas uns sandwiches de presunto e caviar (ela volta-se para porta) Escute, onde é que você vai?

SEBASTIÃO

Pedir os sandwiches.

SUZETE

Mas espere que eu ainda não acabei. Peça-lhe que mande também uns gelados. (Sebastião faz uma curvatura e sai) Até que enfim vou conhecer o autor da canção que eu tanto gosto. Como será ele? Malvina diz que é moço ainda. Esse "ainda" faz-me compreender que se trata de um homem maduro. (exagerada) É o meu tipo!... (Luiza entra)

LUIZA

Patroa, o Sebastião disse que a senhora mandou preparar umas taças. Quais são as que a senhora quer?

SUZETE

As de cristal. Mas tenha cuidado, heim Luiza? Não vá deixar cair alguma.

LUIZA

Não tenha receio, patroa. A senhora sabe muito bem que eu não sou quebradeira. A senhora vê: eu estou há dois meses e pouco na sua casa e até hoje o que foi que eu quebrei?

SUZETE

Ó Luiza, você tem coragem de me perguntar? Você é bem descaradinha, não?

LUIZA

Ué, patroa, porque?

SUZETE

Quem foi que quebrou o meu vaporizador de cristal?

LUIZA

Ah, fui eu, sim, mas já faz tanto tempo. Foi logo que eu entrei pra cá. Mas também foi só isso.

SUZETE

Você tem uma memória muito fraca, Luiza. Quem foi que quebrou aquele abat-jour de porcelana da saleta de musica?

LUIZA

Ah, é verdade, o abt-jour também fui eu. Mas depois não quebrei mais nada.

SUZETE

Não quebrou mais nada, não. A biscoiteira verde, a bandeja de espelho.

LUIZA

(interrompendo-a) Ah, a bandeja foi mesmo. Por sinal que fiquei tão nervosa naquele dia. Quasi me deu o teco! Eu tinha horror de quebrar espelhos. Também juntei os cacos todos e fui jogar no mar, senão dá um azar dos diabos.

SUZETE

(continuando) a floreira dessa mesinha, o cinzeiro preto do gabinete do seu Joaquim, aquela imagem de louça do meu Santo Antonio que estava na minha mesinha de cabeceira...

LUIZA

Ah, o santo Antonio eu não quebrei. Isso é, quebrei e não quebrei. Eu vi que que ele virou assim e que ia cair, eu podia ter agarrado mas deixei cair porque me disseram que moça solteira que quebra santo Antonio casa logo. A senhora compreende, não é? Eu sou solteira.

SUZETE

E ainda tem mais: uma travessa de mesa, a tijela da manteiga, aquele saleiro de vidro...

LUIZA

Papagaio! patroa! A senhora tem uma memória que não se esquece de nada, eu já nem me lembrava da metade.

SUZETE

Pois é, mas eu não me esqueço. E você ainda acha que não quebrou quasi nada!

LUIZA

Ué, patroa, não é muito. Ha empregadas que cada dia quebram uma coisa.

SUZETE

Bem, deixemos a conversa que o tempo está passando. Veja o espanador e passe-o aqui nos moveis da sala, num instante, antes que as visitas cheguem.

LUIZA

Sim senhora. (sai)

CENA VSUZETE SÓ  
SUZETE

Bem, agora vou comer alguma coisa, rapidamente, e tratar de trocar de vestido que eles não devem demorar. (saindo) Eu estou curiosíssima para conhecer esse papaz. Que canções maravilhosas ele compõe! (saindo) Lindas, lindas, lindas! (sai)

CENA VI

Luiza e depois Joaquim.

(Luiza entra com o espanador na mão. Começa a espanar os moveis e a cantarolar uma canção qualquer. Entre seu Joaquim de calça de smoking, chinelos, camisa de peito duro, colarinho e gravata na mão. Ao avistar a empregada vem a ela, todo risonho.)

JOAQUIM

que linda voz. És mesmo uma patativa! (Luiza olha-o de esguelhe sem lhe dar importancia e continua a cantarolar e espanar os moveis) Si a menina quizesse! (ela para o que estava fazendo e fica a olha-lo de maneira agressiva.) Se a menina quizesse...

LUIZA

Quizesse o que? quizesse o que?

JOAQUIM

Si a menina quizesse...

LUIZA

(impaciente e pronta para estourar) quizesse o que, seu Joaquim? Diga logo e deixe de fazer boquinha.

JOAQUIM

Si a menina quizesse botar-me o colarinho e a gravata...

LUIZA

Ah! Pensei que o senhor já estava querendo entrar com o velho papo.

JOAQUIM

Entrar com o que?

LUIZA

Com o velho papo, a palulina, o léro-léro, com o joguinho, como se costuma dizer.

JOAQUIM

Ora, menina, deixe-se de tolices, eu não sou homem dessas coisas!

LUIZA

É, vem prá cá. Os outros começaram com a mesma cantoria.

JOAQUIM

Vamos, menina, coloca-me cá o colarinho e a gravata.

LUIZA

Eu já tô tão trenada em dar nó na gravata dos patrões que faço isso num momentinho. (dando-lhe o nó na gravata) E fica um laquinho que é um amor. (Ele procura o rosto dela, esticando os lábios como para beijá-la). O sr. vá ver só. Ficem os dois lados iguasiinhos, iguasiinhos. Até parece daquelas gravatinhas que já se compra de laço feito. Ih, está ficando bem mesmo. (ele repete o gesto) Socega, seu Joaquim, que é isso comigo? O senhor depois vá olhar no espelho. (a campainha da rua toca, Luiza se afoba toda) Pronto. (empurrando seu Joaquim para fóra) Vá depressa, seu Joaquim, vá depressa que eu vou abrir a porta.

JOAQUIM

Que diabo de tanta pressa, rapariga. A campainha recém tocou.

LUIZA

Saia, seu Joaquim, deixe de conversa, olhe que as visitas estão esperando.

JOAQUIM

Já vou, rapariga, já vou. (a campainha toca outra vez).

LUIZA

(empurrando-o para fóra) Depressa homem. As visitas vão entrar e vão lhe encontrar aqui de chinelos e em mangas de camisa.

SUZETE

(gritando de dentro) Depressa Luiza, vá abrir a porta. Não faça esperar as visitas. (Joaquim sai).

LUIZA

(idem) Já vou, patroa, já estou indo. (Luiza sai para voltar em seguida acompanhada de Malvina e Roberto. D. Malvina num vestido estampado muito vivo, carregada de jóias e um abrigo de peles. Roberto de smoking).

## CENA VII

Luiza, Malvina e Roberto.

MALVINA

(entrando) Diga á Suzete que estamos aqui.

LUIZA

Sim senhora. Tenham a bondade de sentar-se que ela não demora. (olhando languidamente para Roberto) O senhor pôde sentar aqui (indica a cadeira) a cadeira tá limpinha, limpinha. Eu limpei agora mesmo.

MALVINA

Vá-se embora menina, deixe de conversa que ninguém lhe perguntou coisa nenhuma. (ela sai fazendo olhares a Roberto) Ora já se viu que menina saliente?!...

## CENA VIII

Malvina e Roberto.

MALVINA

Suzete vai ficar encantada com a sua visita. Ela tinha tanto desejo de conhecê-lo. Quando o encontrei, depois de duas semanas de uma procura incessante, pensei logo em trazê-lo aqui. Mas afinal nós ainda nem conversamos direito e eu nem tive tempo de fazer-lhe algumas perguntas que desejava.

ROBERTO

Estou ás suas ordens, dona Malvina.

MALVINA

Naturalmente o senhor veio á Capital esperar o meu sobrinho, não é verdade?

ROBERTO

Realmente, Mauro deve regressar esta semana dos Estados Unidos e pediu-me por carta que eu viesse espera-lo aqui.

MALVINA

Eu li nos jornaes a noticia da sua proxima chegada. Agora, ha um ponto que os jornaes não esclarecem e que eu estou anciosa por saber: Mauro voltará casado? Ele é tão dado a extravagancias que era bem capaz de fazer-nos uma surpresa dessa ordem.

ROBERTO

Não senhora, Mauro não casou. Continua a procurar inutilmente a tal mulher d'os seus sonhos.

MALVINA

Correndo em busca da felicidade.

ROBERTO

Fugindo dela, talvez. (pausa) E Helenita tem mandado noticias?

MALVINA

Escreve sempre. Está agora no Chile passando uns dias em casa de uma amiga, nas montanhas. Diz que o lugar é lindissimo.

ROBERTO

E ficará por lá muito tempo ainda?

MALVINA

Creio que uns seis mezes, talvez. Quer ir a Córdoba, aproveitando a companhia de uma prima e eu não puz objeção porque ella, coitadinha, precisa muito de se distrair.

ROBERTO

Com certeza. A senhora é que deve ter sentido muito a sua falta, não é verdade?

MALVINA

Muitissimo. A principio, então, extranhei horrivelmente. O senhor compreende, nós nunca haviamos nos separado... Felizmente depois chegou Marguerite - uma sobrinha de Suzete que está aqui hospedada - e foi uma esplendida companhia que eu arranjei. Ella me distrai muitissimo.

ROBERTO

E de onde veio essa sobrinha de Madame Suzete?

MALVINA

De Paris. Viveu sempre lá. A guerra fez com que ella se lembrasse dos parentes do Brasil e veio para cá refugiada. Está encantada com o nosso Paiz e com a vida e a liberdade que aqui se tem. Diz que nós não sabemos avaliar

o paraíso maravilhoso que é esta terra privilegiada.

ROBERTO

Ah, ela não conhecia o Brasil ~~então~~

MALVINA

Nunca havia saído de Paris sinão para pequenas temporadas em Canes, Versailles e Toulon. E uma vez, parece, que foi á Italia.

ROBERTO

É muito joven essa moça?

MALVINA

Sim, regula com Helenita. Eu até as acho parecidas. Só numa coisa diferem completamente. Marguerite é uma menina muito alegre, ruidosa gosta de se divertir e divertir os outros. Ao passo que minha filha, coitadinha: é a-quele desanimo, aquela tristeza que você já sabe. Deus permita que essa viagem lhe faça bem e que ela volte mais animada...

ROBERTO

Sem duvida que essa permanencia em ambientes diferentes far-lhe-á um grande bem. Ha de voltar reconfortada.

MALVINA

Deus o ouça. Desejo e espero que volte completamente esquecida de tudo que se passou.

ROBERTO

De tudo é impossível, dona Malvina, porque ha coisas que custa-se muito a esquecer e outras que nem se esquecem mais.

MALVINA

O senhor sempre romantico! (curiosa) Diga-me: terá o senhor, por acaso, alguma lembrança desse genero em sua vida?

ROBERTO

Ora, dona Malvina, será possível que alguém tenha conseguido passar pelo amor impunemente? Que alguém tenha conseguido estabelecer contacto com ele sem que lhe tenha fido, como castigo, o espinho cruciante de uma saudade?

MALVINA

E não serei indiscreta perguntando-lhe qual foi a pessoa que teve a coragem de lhe impor esse castigo?

ROBERTO

Eu não desejava recordar esse assunto mas, Já que não foi possível evital-o

MALVINA

Recordar é viver, meu caro maestro. (curiosa) Diga, diga quem foi?

ROBERTO

(relembrando) Uma creaturinha deliciosa que ha dois anos passados chegou um dia, de surpresa, á casa de campo de um amigo onde eu tambem me encontrava passando uns dias. E que dias, meu Deus! Que dias maravilhosos!... Eles duraram quasi nada, infelizmente, porque logo de inicio tive o terrivel desencanto de verificar que não era correspondido no meu grande amor!..

(Dona Malvina que desde o principio da cena imagina que as palavras de Roberto referem-se a ela, começa a escuta-lo sorridente, com os olhos semi-cerrados, batendo de quando em vez com a mão no peito como a indicar que é ela o objeto daquele desabafo) Infelizmente todo aquele amor, tudo aquele carinho que transbordavam do meu coração, pelos meus olhos, não conseguiram convence-la. Eu chegara tarde, desgraçadamente. Ela já dera a outro o seu coração.

MALVINA

Não seria engano seu, Maestro?

ROBERTO

Infelizmente não. As suas palavras não me podiam deixar a menor duvida.

MALVINA

(á parte) As minhas palavras? (para ele) Mas quem sabe... às vezes a gente interpreta mal as coisas... Olhe, maestro, eu estou certa de que o senhor não interpretou bem as palavras que ouviu.

ROBERTO

Quando uma mulher diz claramente a um homem que não o ama, que o seu coração pertence a outro, creio que não pode existir outra interpretação sinão a que eu dei,

MALVINA

(procurando recordar-se) Mas quando foi que eu lhe disse isto, Maestro?

ROBERTO

(admirado) A senhora? nunca.

MALVINA

E a quem se refere o senhor então?

ROBERTO

Á sua filha Helenita.

MALVINA

Ora!... (levanta-se incomodada) E eu pensando que era comigo. (neste momento entram Suzete e seu Joaquim. Ela num elegantissimo vestido de noite, ele a-trepalhadissimo no seu incomodo smooking)

CENA IX

Os mesmos, Suzete e seu Joaquim.

SUZETE

(entrando) Oh, minha querida, perdoe-me a demora, sim? (beijos) Fiz-te esperar muito, não é verdade?

MALVINA

Não tem importancia. Apresento-te aqui o maestro Roberto, de quem tantas vezes te falei. (apresentando Suzete) Aqui a minha grande amiga Suzete Chagas Pinheiro.

ROBERTO

(apertando a mão de Suzete) Roberto Aragon. Encantado, Malvina.

SUZETE

SUZETE

(num sorriso) Obrigada. (apresentando seu Joaquim) Meu marido.

ROBERTO

(apertando-lhe a mão) Prazer.

JOAQUIM

Joaquim Chagas Pinheiro, um seu criado.

MALVINA

(apertando-lhe a mão) Como vai o senhor, seu Joaquim?

JOAQUIM

Vai se vivendo como se pode. Muito preocupado com a alta e a falta das mercadorias. As coisas pelo jeito que vão cada vez dão menos margem a que se ganhe alguma coisa nos negócios. E depois é uma falta de tudo! Imagine a senhora que manteiga já não se encontra em praça. O pouco que ha é pela hora da morte...

MALVINA

(desinteressada) Ah, sim? (consigo propria) Pouco me importa eu com a alta da manteiga. Não como manteiga. Engorda muito.

JOAQUIM

E depois os empregados dão muito que fazer á gente. É uma coisa medonha.

MALVINA

É, sim.

SUZETE

Pois meu caro maestro, tive o mais vivo prazer em conhece-lo pessoalmente. Não avalia a satisfação que tenho de recebe-lo em minha casa.

ROBERTO

Ó, madame, é muito gentil da sua parte.

SUZETE

Malvina, senta, não-faz cerimonia. (afetando amabilidade) Seu Joaquim, pode sentar-se. (traindo-se furiosa) Sente-se. (ele olha submisso para ela e senta-se afastado do grupo, pretendendo sempre imiscuir-se no assunto sem o conseguir entretanto)

MALVINA

Suzete, e Marguerite onde está?

SUZETE

Foi jantar com uns amigos mas ficou de voltar assim que o jantar terminasse. Estavam combinados de ir al Club dansar, depois, mas quando lhe disse por telefone, que iam receber a visita do nosso cara maestro desistiu daquela ideia. Não deve demorar, provavelmente. (explicando a Roberto) Marguerite é filha de um irmão meu que viveu sempre na Europa.

MALVINA

Eu já falei nela ao maestro Roberto.

SUZETE



SUZETE

Ah bem. Permita, então, que eu lhe felicite agora pela beleza da última canção que compoz. É simplesmente maravilhosa.

ROBERTO

Muito obrigado, madame.

SUZETE

E ouvi dizer que em breve aparecerá uma outra, é verdade?

ROBERTO

Espero que por todo este mez, ainda. Devo completar esta semana a sua orquestração.

SUZETE

Que bom! Eu já esou ansiosa para ouvi-la.

JOAQUIM

Eu hontem estive a escutar no radio uns sambas novos que apareceram e creio que vão fazer tambem grande sucesso. Tem muita cadencia, muito molho.

SUZETE

(fazendo sinais a seu Joaquim para que se cale e procurando desconversar)  
Dentro de pouco tempo, meu caro maestro, toda a cidade estará embevecida com as suas melodias! Elas são de uma inspiração tão cristalina que nos conquistam desde a primeira vez em que as escutemos.

ROBERTO

A senhora é muito gentil.

SUZETE

Deixe disso. Justa e sincera é o que eu sou. Eu não sei fingir. Gostei, gostei; não gostei digo logo. (a campainha da rua toca. Seu Joaquim tenta levantar-se para atender a porta mas não chega a completar o gesto porque Suzete que está muito proxima a ele puxa-o com força e disfarçadamente pelo casso, fazendo-o cair outra vez na cadeira. Luiza atravessa a cena e vai abrir a porta).

MALVINA

É possível que seja Marguerite.

SUZETE

Sim, deve ser ela. Prometeu estar de volta antes das nove.

(entra Marguerite numa elegante toilette de noite e um lindissimo abrigo de peles. muito bem penteada, alegre, sorrindo muito e mostrando-se bastante moderna não só nos gestos como nas idéias. Fala com assentado sotaque francez.)

CENA X

Os mesmos e Marguerite.

MARGUERITE

(entrando) Non demorrei muito, non é verdade titia? (beijos)

SUZETE

Não demoraste não, minha querida. Entretanto eu estava ansiosa que chegas-

ses para apresentar-te aqui o maestro Roberto Aragon, o celebre compositor de quem já te falei.

MARGUERITE

Oh, monsieur, muito prazerr. Titia e dona Malvina falam muito so senhorr. Eu desejo dar-lhe os parrabens pelo grrande sucesso da sua ultima chanson. Cest três joli, três joli.

ROBERTO

Muitissimo obrigado, mademoiselle. Creia que tive um prezer muito grande em conhece-la.

MARGUERITE

Cest três gentil, Monsieur. Enton, minha boa amiga, passeou bastante esta tarde?

MADVINA

Passei a tarde inteira no hall do Hotel Continental, cuidando a chegada aqui do nosso caro maestro que eu já sabia estar na cidade ha muitos dias mas que só hoje consegui localisar.

SUZETE

Viú o quanto a sua presença era desejada com anciedade? Malvina postou-se de guarda ao Hotel e enquanto não conseguiu arranca-lo de lá não se afastou do seu posto.

ROBERTO

É uma honra que absolutamente não mereço e que me deixa até confundido.

MARGUERITE

Titia sempre diz que dona Malvina é muito persistente na sua vontade. Quando ela querr uma coisa emprrega toda a sua força de vontade parra poderr realiza-la.

ROBERTO

E é essa a unica maneira de se chegar a vencer na vida.

SUZETE

A unica, maestro? Mas e a sorte o senhor não leva em conta?

MARGUERITE

Sim, é verdade, e o fatorr sorte o senhorr non toma em considerraçon?

ROBERTO

Sim duvida que é um fator que tem tambem a sua influencia, mas não é tudo. Muitas vezes os que têm sorte não sabem aproveita-la.

MARGUERITE

Isto tambem é verdade, mas a sorte é sempre muito bom. Facilita muito as coisas.

JOAQUIM

A sorte é sempre a sorte. Eu cá por mim nunca tirei nenhum bilhete de loteria mas tambem não tenho razões para me queixar da sorte. Os negocios, até hoje tem corrido mais ou menos bem...

SUZETE

(interrompendo-o propositadamente) E o seu amigo Mauro quando chega? já sabe o dia certo?

ROBERTO

Espero um telegrama a qualquer momento, Creio que ainda esta semana estará entre nós.

MARGUERITE

Eu tenho grrande curriosidade de conhecerr o seu amigo. Dona Malvina fala muito nele e nos versos que ele faz. Diz que son muito bonitos.

ROBERTO

Realmente, Mauro é um poeta de fina sensibáidade. Seus versos são sempre muito inspirados. É ele, geralmente quem compõe os versos das minhas canções.

MARGUERITE

Ah, sim? Muito bem. Eu parra dizer a verdade non sei bem si a minha curiosidade é maior em conhecer o homem ou o poeta.

SUZETE

Maestro, eu lhe peço licença um momento, sim?

ROBERTO

Pois não, Madame, á vontade.

SUZETE

Vou lá dentro dar umas ordens. (sai)

CENA XI

Os memos menos Suzete.

MARGUERITE

Deve ser muito interresante conyersar coa um poeta.

MALVINA

Meu sobrinho é um pouco retraído, um pouco exquisito mas tenho a certeza que você se dará muito bem com ele, Marguerite.

MARGUERITE

Oui, oui, eu tambem tenho a certeza. Sou muito alegre, me dou bem contout le gonde.

ROBERTO

Mauro é uma ótima creatura. Tem um defeito, defeito, aliás, que só a ele prejudica: é um grande sonhador e um grande insatisfeito.

MARGUERITE

Cada vez que ouço falarr em Mauro a minha curriosidade aumenta mais em comehece-lo. Vou lhe fazerr um pedido, monsieur.

ROBERTO

As suas ordens, mademoiselle, ordene.

MARGUERITE

Querro que me prrometa trazer aqui o seu amigo, no mesmo dia que ele tiver regressado.

ROBERTO

Farei todo o empenho, prometo-lhe.

MARGUERITE

Fico-lhe desde já muitissimo grrata.

ROBERTO

Ó senhorita, não ha razão para agradecer. (Suzete entra acompanhada de Sebastião e Luiza que trazem: o primeiro uma bandeija com uma garrafa de champagne e algumas taças e a segunda dois pratos com sandwchs. Suzete traz bombons e boscoitos).

CENA XII

Os mesmos, Suzete S, Sebastião e Luiza.

SUZETE

Pode servir champagne, Sebastião. (Ele coloca a bandeija sobre a mesa e começa a encher as taças, oferecenão-as depois a todos. Suzete coloca os bombons e os biscoitos sobre a mesinha, tira um dos pratos de sandwchs da mão de Luiza e começam ambas a oferece-los aos presentes.)

MARGUERITE

Titia, estou muito contente, sabe? Monsieur Roberto prrometeu-me trazer aqui o senhor <sup>M</sup>aurro no mesmo dia que ele chegar de viagem.

SUZETE

Ah, muito bem. Você vai gostar muito dele. É um rapaz muito inteligente, muito simpatico.

MARGUERITE

Dona Malvina já me disse a mesma coisa. (Luiza que está servindo o sandwchs, oferece-os a seu Joaquim que pega dois em cada mão, botando-os inteiros na boca. Ainda tem uma das mãos ocupadas quando Suzete passa por ele com o outro prato de sandwchs e ele estende o braço para servir-se. Ela da-lhe um tapa na mão, desviando o prato. Luiza pega a bomboneira e coloca-se com ela á mão perto de Malvina que conversando e disfarçando vai tirando um por um e escondendo no seio. Quando Luiza verifica não haver mais nenhum, coloca a bomboneira em cima da mesa.)

MALVINA

(próvando um sandwch) Estão deliciosos estes sandwchs de cavier. Foram feitos por ti, minha querida?

SUZETE

Não, Malvina, Encomendei-os á confeitaria do seu Fagundes.

MALVINA

Estão muito bem feitos.

MARGUERITE

Estão muito gostosos, sim.

SUZETE

Aceita outro, Marguerite?

MARGUERITE

O, non titia, merci. Eu terminei de jantarr ha muito pouco tempo. Querro tomar apenas um pouquinha mais de champanhe. (Sebastião que está parado ao fundo da cena, aproxima-se e serve-lhe mais uma taça de champanhe)

ROBERTO

Estão realmente muito gostosos estes sandwichts (a seu Joaquim) não é verdade?

JOAQUIM

(que constantemente arruma o peito da camisa, o colarinho e a gravata que tanto o incomodam) Eu cá por mim prefiro muito mais um cachorro quente.

SUZETE

(que o fuzilou com os olhos) Si gostou dos sandwichts tire mais um, maestro.

ROBERTO

(servindo-se) Muito obrigado.

SUZETE

E mais um pouquinho de champanhe tambem?

ROBERTO

Obrigado, muito obrigado. Estou satisfeito.

MARGUERITE

Não gosta de champanhe?

ROBERTO

Gosto muito mas não costumo ir nunca alem das minhas possibilidades.

MARGUERITE

Ó, enton é muito fraco parra a bebida. Eu, ao contrarrio, sou muito forte. Posso beber bastante que nada me acontece. Hoje durrante o jantar tomei dois copos de vinho do Rheno, tomei um licor na sobremesa, já estou na segunda taça de champanhe e non sinto nada de estraordinarrio.

ROBERTO

É forte, realmente.

SUZETE

E o jantar, minha querida, esteve animado? Você gostou? Divertiu-se?

MARGUERITE

Muitissimo. Havia um rapaz muito interresante que nos fez rir perdidamente contando umas anedotas muito engraçadas. Eu gosto tanto de anedotas.

JOAQUIM

A menina gosta de anedotas? Pois então vou contar-lhe uma do papagalo...

SUZETE

(fazendo sinais a seu Joaquim para que se cale) E dansaram durante o jantar dansaram?

MARGUERITE

Non, lamos depois dansar no club mas eu prreferri vir parra casa.

ROBERTO

E a senhorita gosta de dansar?

MARGUERITA

Adorro a dansa. Urreio que non existe pprazer maior parra mim.

ROBERTO

E tem ddo a muitos bailes aqui?

MARGUERITE

Alguns, sim. (Suzete oferece biscoitos que uns aceitam e outros não)

ROBERTO

(apresentando a cigarreira a Marguerite) Fuma?

MARGUERITE

Oui, Monsiuer. (tira um cigarro, Roberto acende) Merci.

MALVINA

( a Suzete) Minha querida, si me permite eu te pediria para ir ao teu quarto para recompor a pintura dos meus labios no teu penteador. Não me a-geito com esse espelhos pequininos.

SUZETE

Pois não, Malvina, vem. Eu te acompanho até lá. Peço-lhes dois minutos de licença, sim? Dois minutinhos só..

MARGUERITE

Ó, titia, pois non.

SUZETE

(saíndo, significativamente para seu Joaquim) São dois minutinhos. Não demoro nada! Dois minutos.

ROBERTO

A senhora está em sua casa. (saem as duas conversando. Suzete ao sair faz sinal a Sebastião e Luiza que se mantem no fundo da cena, para que recolham as taças servidas. Sebastião bota todas as taças e a garrafa de champanhe na bandeija e vai leva-las quando seu Joaquim chama-o, retira a garrafa e uma taça e faz sinal para que leve as outras. Sebastião obedece, Luiza vai sair com o prato dos sandwiches)

JOAQUIM

(Luiza) deixa lá ficar isso, menina. (áparte) Vou aproveitar estes dois minutos. (ela solta o prato de sandwiches e sai)

CENA XIII

Joaquim Roberto e Marguerite.

JOAQUIM

O senhor não está servido de mais alguma coisinha?

ROBERTO

Não senhor, obrigado. Estou satisfeito.

JOAQUIM

Nem mais uma tacinha de champanhe?

ROBERTO

Não senhor, muito obrigado. Nada mais.

JOAQUIM

Não faça cerimonia. Sou eu quem paga. (Roberto sorri e regista) E a menina? Quem sabe quer mais alguma coisa? Olhe lá não faça cerimonia.

MARGUERITE

Ó, non, titio, muito obrrigada.

JOAQUIM

Está com a barriguinha cheia, não é? Pois olhe: eu cá por mim vou beber mais um pouquito. (isola-se num dos cantos da cena, levando a garrafa de champanhe e os sandwicks. instala-se numa poltrona e começa a comer e a beber)

MARGUERITE

Monsiuer parece que está muito admirrado com a minha carra. Porque olha parra mim de uma maneira ton extrranha. Serrá talvez costume aqui no Brasil?

ROBERTO

Não senhorita, Eu lhe peço desculpas. (embaraçado) É que...

MARGUERITE

(dando uma gargalhada) Ó non tem importancia! Eu só querria saber si erra xostume aqui os rapazes olharrem assim deste modo parra as moças. Tambem lá no club isso aconteceu.

ROBERTO

Naturalmente os rapazes olham para você (caindo em si)perdoe, Mademoiselle..

MARGUERITE

(dando uma gargalhada) Ó, non tem imporrancia.

ROBERTO

permite então, que a`trate por você?

MARGUERITE

Oui, oui, (rindo muito) Eu gosto muito de você.

ROBERTO

Muito obrigado.

MARGUERITE

(rindo sempre) Da palavra "você" foi que eu quiz dizer.

ROBERTO

(levemente irritado) Eu compreendi perfeitamente, senhorita. O meu agradecimento foi por ter consentido em que a tratasse com mais intimidade.

MARGUERITE

Oui, oui,

( Estabelece-se um silencio incomodo entre os dois. De repente ela começa a rir sem qualquer motivo justificado. Ele começa a olha-la, a principio surpreso, depois enraivecido.)

MARGUERITE

(parando de rir) Nos podiamos mudar de assunto, o senhor não acha?

ROBERTO

(pretendendo referir-se a gargalhada) Acho, sim.

MARGUERITE

O senhorr ficou zangado? Ó non se xangue. Je suis come sa. Muito alegre, muito risonha. Estou sempre rindo. Desculpe, sim?

ROBERTO

(ainda agastado) Não, senhorita, eu não estou zangado.

MARGUERITE

Afinal o senhorr não chegou a me dizerr o motivo porque os rapazes olham parra moi de uma forma ton extranha.

ROBERTO

Naturalmente é porque simpatisam com mademoiselle. Acham-na bonita.

MARGUERITE

(insinuando) O senhorr tambem me olhou assim.

ROBERTO

Não pretendo negar a sua beleza, entretanto creia que foi outro o motivo que me fez ser tão insistente na maneira de olha-la.

MARGUERITE

Compreendo. Provavelmente a minha figurra, ou talvez o meu olhar, ou quem sabe ainda os meus gestos, fizerram despertar ao senhor qualquer evocaçon. Não é verdade?

ROBERTO

Mais ou menos isto, mademoiselle.

MARGUERITE

Ó, desculpe, monsieur. Eu estou muito indiscreta, non é assim? Vamos mudar de assunto. Vamos fallarr de...de que vamos falarr? Falar de coisas banaais, coisas sem importancia. Do amor, por exemplo. O que pode o senhorr me dizer do amor?

ROBERTO

O que lhe posso dizer eu do amor? Que não conheço dele, infelizmente, se não dias interminaveis de torturante saudade, horas de amarga e profunda revolta interior, instantes de magua ou desespero e longos anos de espera impaciente por uma felicidade que esteve tão proxima de mim mas que fugiu para nunca mais voltar. (pausa) É só o que lhe posso dizer do amor, senhorita.

MARGUERITE

(após uma pausa em que a sua magua é sincera e falando depois com um sentimento exagerado) O monsieur eu estou muito desastrada hoje. Desculpe outra vez, sim?



ROBERTO

Não tem importância.

MARGUERITE

Quanta coisa ruim tem o amor. Graças á Dieu que eu non conheço ele sinon de ouvirr falarr.

ROBERTO

Ha de conhece-lo um dia.

MARGUERITE

Ó, non, non. monsieur, agorra non querro mais.

ROBERTO

(acreditando-a sincera e sorrindo da sua ingenuidade) Se isso depende-se de nossa vontade seria muito bom. Infelizmente não é assim. A gente gosta sem saber porque. Uma dia, quando menos se espera, o amor tomou conta do nosso coração e maneja-o a seu bel-prazer. É ele o senhor de mais escravos que existe no universo.

MARGUERITE

Eu non acredito que o seu poder possa ser ton absoluto assim. Si nos prre-venirmos contra ~~ele~~, poderreamos certamente evita-lo.

ROBERTO

É inutil qualquer resistencia quando ele chega. O amor embriaga. É como a champanhe. Deliciosa logo que a provamos mas com a continuação de bebermos, quatro, cinco, seis taças, começa a fazer turbilhonar o nosso cerebro, obscurecer-nos os oblhos e quando tentamos fugir aquela embriaguez que nos assusta, é tarde, muito tarde. Só nos resta fechar os olhos e entregar-nos sem relutancia.

MARGUERITE

Monsieur afirmou que o amor embriaga como a champanha?

ROBERTO

Exatamente. (a este tempo seu Joaquim, que bebeu varias taças de champanhe durante o dialogo, está adormecido sobre um dos braços da poltrona, tendo uma taça vazia na mão.)

MARGUERITE

(depois de uma pausa de reflexão) Enton eu non acredito no poder de embriaguez do amor porque posso garrantir, sem receio de errar, que champanhe non chega a embriagar ninguem. E por falar nisto vamos tomar mais uma taça de champanhe. (viram-se os dois para procurarem a chapanhe e deparam com seu Joaquim adormecido)

ROBERTO

Viu? (apontando seu Joaquim) Ai está uma prova de contradicção ao que mademoiselle acaba de afirmar. (significativo) E o amor, é assia, tal e qual!

(cortina rapida para o final do 1º tempo)

2º tempo

(o mesmo cenario exterior. Novas flores no jarrão que está sobre o piano. Sebastião com uma roupa de servir diferente da do 1º tempo, lim-

pa os objetos de arte, com um pedaço de camurça, assobiando uma musica qualquer. Quatro horas da tarde. Luiza atravessa a ceja de bolsão e chapeu, pronta para sair.)

CENA XIV

Sebastião e Luiza.

SEBASTIÃO

Já vae belezinha?

LUIZA

Jé. Acha cedo? São quatro horas da tarde.

SEBASTIÃO

Como eu detesto os seus dias de folga, meu amor. O relógio parece que esta-  
ca, as horas custam a passar! E eu me sinto sósinho, abandonado.

LUIZA

Coitadinho!

SEBASTIÃO

Se você soubesse como eu detesto a solidão, Luizinha!

LUIZA

Eu sei. Você detesta tanto a solidão que nos meus dias de folga, para não  
ficar sósinho, vai conversar no muro com a empregada da casa vizinha.

SEBASTIÃO

(exagerado) Eu, Luiza?!...Mais! que ingratidão!... Você não repita uma  
injustiça dessas que Deus é até capaz de lhe castigar. -

LUIZA

Não castiga, não, porque eu estou dizendo a verdade. Você pensa que eu não  
sei? A cosinheira não fez boca de sirí, não, foi contandê logo.

SEBASTIÃO

Ah ela contou? Pois eu trepei no muro, é verdade, mas foi só para pedir  
um guardanapinho que estava estendido na corda e que o vento levou para o  
lado de lá.

LUIZA

É, foi o vento que levou, eu sei.

SEBASTIÃO

Juro a você pelo que há de mais sagrado neste mundo.

LUIZA

Deixe de ser fingido, ouviu? E mesmo que o vento tivesse levado o guarda-  
po para o lado de lá, você não precisava passar a tarde inteira pendurado  
no muro conversando.

SEBASTIÃO

Eu passei a tarde inteira no muro? Mais que mentira!...A cosinheira está  
contra mim, Luiza. Ah, está contra mi, não tenha duvida.

LUIZA

Nem contra nem a favor. Ela contou o que viu. Você é assim mesmo, Sebastião. Só si eu não conhecesse bem você. Você não pode ver mulher.

SEBASTIÃO

Você é injusta, Luisinha! Bem sabe que mulher alguma me interessa senão você.

LUIZA

Aqui dentro de casa acredito, porque nem a patroa nem a dona Marguerite iam dar confiança para você.

SEBASTIÃO

Não é só aqui dentro de casa, Luisinha. Dentro do mundo todo não existe outra mulher para mim.

LUIZA

Isto é conversa pra camarão bater palmas, mas comigo não pega, não. Você pensa que me leva mas não leva, não. Eu quando vou, vou sabendo.

SEBASTIÃO

(chegando-se a ela) Luizinha, meu amor, não faz assim comigo que eu fico triste.

LUIZA

(evitando-o) Afaste-se, Sebastião.

SEBASTIÃO

(procurando aproximar-se) Venha cá, meu bemsinho.

LUIZA

Não amola, Sebastião, não fica aí fazendo boquinha. Deixa eu dar o fóra.

SEBASTIÃO

(colocando-se á frente da porta) Você não sairá sem me dar um beijinho.

LUIZA

Não dou beijinho nenhum. Cai fóra, cai fóra. Navéga.

SEBASTIÃO

Só lhe deixarei passar si você me dar um beijinho, já disse.

LUIZA

(beijando as pontas dos dedos e encontrando-as no rosto de Sebastião) Pronto. Agora cai fóra e deixa eu passar.

SEBASTIÃO

Não, assim não vale. Eu quero um beijo de verdade.

LUIZA

De outra forma eu não dou.

SEBASTIÃO

Dá sim. Eu sei que você dá.

LUIZA

Já disse que não dou.

SEBASTIÃO

Então você não sai porque eu não deixo.

LUIZA

Desguia, Sebastião, desguia que eu preciso dar o fóra.

SEBASTIÃO

(abraçando-a) Você tem que me dar um beijinho porque eu quero. (apertando-a nos braços. Ela opõe certa resistência a principio mas acaba entregando-se. Ele beija-a longamente. Seu Joaquim aparece do interior da casa sem que qualquer dos dois se aperceba.)

JOAQUIM

Ó diabo!... Parece-me que cheguei em má hora! (eles continuam abraçados e seu Joaquim dá as costas e tosse forte. Eles se assustam e separam-se bruscamente. Luiza sai correndo e Sebastião começa a limpar o primeiro objeto que encontra ao alcance da mão, muito sem jeito, olhando de esguelha para seu Joaquim. Este vai saindo, atravessando a cena, sem dizer uma palavra, mas com uma cara muito brejeira e significativa para Sebastião. Este começa a cantar para disfarçar. "Lá vem a mulher que eu gosto" Lá vem não, Lá vai. (começa a rir para Sebastião, fazendo-lhe sinais de de quem abraça alguém. O telefone toca.))

## CENA XV

Sebastião e depois Suzete.

SEBASTIÃO

Arre! Que tudo atrapalha a gente aqui. É o patrão, é o telefone... (atendendo o telefone) Alô! É de casa de Madame Chagas Pinheiro. Está sim senhor. Quem fala aí? Um momentinho.

SUZETE

(aparecendo a porta) Quem é?

SEBASTIÃO

É o maestro Roberto. Quer falar com a senhora.

SUZETE

(alvorçada) O maestro Roberto?! (corre para o telefone) Alô, meu caro maestro, como vai? (Sebastião começa a fingir que tira o pó da cadeira próxima ao telefone, procurando ouvir a conversa, fazendo ora movimento de reprovação, ora movimento de curiosidade. Muito bem, obrigadinha. Diga. Ah sim! Muito bem, muito bem. Fico muito contente. Si posso recebê-los hoje? Mas como não? Agora mesmo si quizerem vir. Às cinco horas? Perfeitamente. Podem vir, sim como não! Terei um enorme prazer. Então até às cinco., obrigadinha. (desliga o telefone) e surpreende Sebastião escutando-a. Faz-lhe um gesto de contrariedade ao tempo que ele acelera os movimentos de limpar a cadeira. Suzete vai até a porta e grita para dentro) Marguerite, Oh Marguerite, venha cá depressa. (a Sebastião) Prepare uma garrafa de licor, uns calices, veja charutos e cigarros.

SEBASTIÃO

que licor Madame prefere?

SUZETE

Pode ser cacau. (ele vai sair) Não. Veja Cointreau.

SEBASTIÃO

Perfeitamente, Madame. (sai)

CENA XVI

Suzete e Marguerite.

MARGUERITE

(entrando) A senhora chamou por mim, titia?

SUZETE

(segurando-a pelos ombros e sacudindo-a, entre nervosa e alegre) Chamei, sim, minha querida. Ele vem aqui, afinal.

MARGUERITE

(levando um choque) Quando?

SUZETE

Dentro de meia hora, no máximo.

MARGUERITE

(Levando a mão ao peito e permanecendo parada mas inquieta) Eu não sei o que é que eu tenho... Não sei o que estou sentindo... eu acho que estou com medo.

SUZETE

Medo? Ora deixa-te disto! Medo porque? Francamente, minha querida!... Você que tanto desejou este encontro será capaz de fugir agora quando ele se proporcionou? Deixe disto.

MARGUERITE

Está bem. Farei por ter coragem. Vamos a ver como me sairei.

SUZETE

Has de sair muito bem, porque não? Não tenhas receio que eu estou aqui para ajudar-te.

MARGUERITE

A senhora não acha que eu devia trocar de vestido?

SUZETE

Não ha necessidade. Você está muito bem assim, meu amor.

MARGUERITE

Foi ele mesmo que telefonou á senhora?

SUZETE

Não, foi o maestro Roberto. Falaram em vir á noite mas eu não tive paciência de esperar e disse-lhe que viessem em seguida. Depois de estarmos todos juntos aqui, eu darei um geitinho especial de levar o maestro comigo lá pra dentro e você ficará só com ele.

MARGUERITE

Sinto-me medrosa como uma criança.

## SUZETE

Que tolice! Não ha razão para isto. Você vai ver que tudo correrá como desejamos. Lembre-se que a confiança é matade da vitoria.

## MARGUERITE

Sim, é verdade. ( a campainha toa )

## SUZETE

Devem ser eles. ( Sebastião aparece ) Vá abrir a porta, Sebastião. Faça-os entrar para cá. ( a Marguerite ) E você vá lá para dentro e apareça daqui a pouco. É mais elegante. ( frizando bem ) É mais francez. ( dá uma gargalhada. Marguerite sai depressa. )

## CENA XVII

Suzete, Mauro, Roberto e Sebastião.

## SEBASTIÃO

( á porta ) Tenham a bondade de passar. ( entram Roberto e Mauro. Suzete vai ao encontro deles. )

## ROBERTO

( beijando a mão de Suzete ) Como está madame?

## SUZETE

Muito bem, obrigada. Encantada com a sua visita. O senhor tem passado bem?

## ROBERTO

Vive-se, madame. ( indicando Mauro ) Apresento-lhe aqui o meu amigo Mauro.

## SUZETE

Nós já nos conhecemos, meu caro maestro. ( a Roberto ) Ele não se lembra, talvez, faz muito tempo. Encontramo-nos uma ou duas vezes em casa de Malvina. ( A Mauro ) ( Alegre mas com certa reserva ) Como vai o senhor? Como se foi de viagem?

## MAURO

Felizmente bem, muito obrigado.

## SUZETE

Tenham a bondade de sentar, não façam cerimônia. ( virando-se a Sebastião ) Avise a Marguerite que temos visitas. ( Sebastião curva-se e sai ) ( sentam-se todos. )

## CENA XVIII

Suzete, Mauro, Roberto e depois Marguerite.

## SUZETE

( numa explicação á Mauro ) Marguerite é uma sobrinha que chegou de Paris e que está hospedada aqui em minha casa.

## MAURO

Roberto já me falou sobre ela. Veio passear, conhecer o Brasil?

## SUZETE

Veio procurar refugio para a situação de angustia torturante que asfixia quasi todo o mundo neste momento. E tem sentido um tão grande entusiasmo

pelo nosso Brasil que não me admirarei nada si resolver-se a ficar por aqui. Ela está ansiosa por conhece-lo. Tem lido os seus versos e acha-os maravilhosos, como eles o são, realmente. (ele agradece) Chega a confessar que não sabe mesmo si tem maior desejo de conhecer o homem ou o poeta.

MAURO

Já vejo que sua sobrinha é muito gentil, madame.

SUZETE

Ahi vem ela. (os dois se levantam. Marguerite entra, dá um passo alem da porta e para embaraçada. Suzete vai fazer a apresentação mas detem-se deante da transformação que se opera na fisionomia de Mauro. Este permanece um tempo olhando-a como que desvairado, só voltando a cair em si quando Suzete lhe fala) O que é isto? Já a conhecia, por acaso?

MAURO

(indeciso) Já...isto é...parece-me que sim...não tenho bem certeza.

MARGUERITE

(medrosa) Em Parris, talvez?...

MAURO

(convicto) Não, não foi em Paris. (troca de olhares de Suzete e Marguerite)

MARGUERITE

(arriscando) Estive tambem na Italia, quem sabe?...

MAURO

Não, tambem não foi na Italia. (nova troca de olhares entre as duas)

ROBERTO

Bem, Mauro, você se lembrará depois. Deixamme agora cumprimentar Mademoiselle Marguerite que ainda não o fiz. (estende-lho a mão) Tem passado bem?

MARGUERITE

Muito bem obrigada e o senhor?

ROBERTO

Como Deus quer e consente, como uma folha caída levada pela corrente.

MARGUERITE

(rindo) O senhorr tambem é poeta agorra?

ROBERTO

Não, mademoiselle. Apenas estou repetindo palavras de um poeta, não são minhas.

SUZETE

Vamos sentar. (sentam-se todos. Mauro, daqui pra deante, fala muito pouco e não cessa de olhar para Marguerite que sente-se embaraçada todas as vezes que encontra o seu olhar).

ROBERTO

E dona Malvina, tem aparecido sempre?

SUZETE

Desde aquela noite que estivemos aqui reunidos ela apenas me apareceu um

vez. Está muito ocupada agora. Foi convidada para presidente de uma instituição de abrigo a moças tuberculosas e está trabalhando para a causa com toda a sua atividade.

ROBERTO

É uma maneira muito útil de empregar o seu tempo.

SUZETE

Sem duvida, mas essas obrigações não deixam de ser muito desagradáveis. São reuniões de diretoria, visitas a hospitaes, festas beneficentes, enfim, uma serie de coisas paus que nos roubam todo o tempo que pôdia ser utilizado em coisas muito mais agradáveis.

ROBERTO

Concordo que hajam coisas mais agradáveis em que se empregar o tempo mas a minha amiga ha de concordar tambem que muito menos uteis.

MARGUERITE

Esses cargos só têm a vantagem da popularidade, nada mais.

ROBERTO

Eu penso, mademoiselle, que ha vantagens muito mais importantes, como, por exemplo, a consciencia de um dever cumprido.

MARGUERITE

Parra falarr com ffranqueza eu non entendo muito dessas coisas.

ROBERTO

Eu entendo que todas as pessoas de espirito bem formado, que possuem coração, têm o dever de trabalhar pelos que sofrem e vivem ao desamparo.

MARGUERITE

Eu já reparrei que Monsieur é muito sentimental. Dizem mesmo que os artistas vivem mais pelo coração, é verdade?

SUZETE

O que é que acha, senhor Mauro? (Mauro está olhan para Marguerite e não escuta a pergunta)

ROBERTO

Mauro, Madame Suzete está falando contigo.

MAURO

(ceindo em si) Comigo?! Ah, sim... desculpe... O que foi que disse Madame?

SUZETE

Marguerite acaba de afirmar que os artistas geralmente vivem pelo coração e eu então pedi a sua opinião a respeito. Acha que é assim realmente?

MAURO

(quasi alheio ao assunto) Sem duvida, madame, sem duvida.

SUZETE

(a Roberto e Marguerite, a guiza de justificativa) Sem duvida.

ROBERTO

Aliás é essa a maneira mais licita de viver-se. A maneira pela qual se



está mais em contacto com a vida. É a forma de senti-la com mais intensidade. A mocidade de hoje não pensa assim. Prefere divertir-se a tomar conhecimento de tudo aquilo que possa vir a perturbar, ainda que por momentos, a sua alegria.

MARGUERITE

O senhorr está muito profundo nas suas reflexões. Preferiria mais vê-lo alegre e despreocupado com os problemas da vida sentimental. Aliás a primeira vez que nos falamos o senhorr não estava assim.

ROBERTO

Eu sou assim, mademoiselle. Si naquele dia estive diferente, foi, sem duvida, pelo encanto da sua presença.

MARGUERITE

Neste caso o encanto foi passageiro, desde que na segunda vez que nos falamos ele já não perdurra mais.

ROBERTO

O encanto persiste, mademoiselle, apenas o efeito é que da segunda vez não pode ser o mesmo da primeira, visto que, naturalmente, já não tem aquelle sabor de ineditismo.

MARGUERITE

Muito voluvel e inconstante é o que Monsiuer está me parecendo.

SUZETE

(á parte) Essa conversa está pau á bessa. (dirigindo-se a Roberto) O meu caro maestro não levaria a mal si eu o convidasse a acompanhar-me até a saleta de musica?

ROBERTO

De forma alguma, madame.

SUZETE

Desejava mostra-lhe umas musicas que recebi ontem e que dizem ser a ultima novidade no genero.

ROBERTO

Pois não. Terei imenso prazer.

SUZETE

Marguerite ficará fazendo companhia ao senhor Mauro. Nós não nos demoraremos. É um instantinho só.

MARGUERITE

Pois non, titia.

SUZETE

Com licença, senhor Mauro.

MAURO

Pois não, madame.

SUZETE

Vamos maestro. (saem os dois)CENA XIX

MARGUERITE E MAURO

(Marguerite e Mauro permanecem um momento calados, constrangidos, sem trocar palavra. Olham-se de vez emquando e desviam depressa o olhar. Ela sorri, constrangida, ele conserva-se sério. Por fim ele rompe o silêncio).

MAURO

(apresentando-lhe a cigarreira) Fuma?

MARGUERITE

(aceitando um cigarro) Merci. (Ele tenta acender-lhe o cigarro, atrapalha-se todo, deixa cair os fosforos, segura-os do chão, procura novamente riscar o fosforo, este se parte) Dê-me os fosforros que eu mesma acendo o cigarro. (ele entrega-lhe a caixa e ela o acende)

MAURO

(Recebendo a caixa de volta acende tambem o seu cigarro e depois permanece algum tempo calado, finalmente, para dizer alguma coisa, fala) : Está calor.

MARGUERITE

Está sim. Se quiser posso abrir a janela.

MAURO

Obrigado, não se incomode. (Ouve-se dentro um sólo de piano, Mauro apontando para dentro). Musica.

MARGUERITE

É, musica.

MAURO

Gosta de musica?

MARGUERITE

Gosto.

MAURO

(após uma grande pausa) Eu tambem gosto.

MARGUERITE

(após outra pausa) Diga-me, monsieur, non se lembrou ainda de onde me conheceu antes?

MAURO

Sim, não tive a menor duvida desde o primeiro instante em que a vi.

MARGUERITE

(desconcertada e esforçando-se por se conservar calma, sorri forçada). E porque non disse, então?

MAURO

Porque deixei para dizer-lhe quando estivessemos a sós.

MARGUERITE

Pode dizerr enton, agora.

MAURO

Sim, Marguerite, eu vou dizer. (ela fica suspensa, ansiosa, bebendo-lhe as palavras uma a uma) Foi em sonho que eu a vi. (Ela respira profundamente, num desabafo).

MARGUERITE

(sorrindo, já mais animada) Em sonhos?!... Que coisa extranha! Que coisa extraordinária!...

MAURO

( com calor, já decidido a ousar tudo) Poderá parecer-lhe estranho, extraordinário, absurdo até, mas é a verdade. Foi em sonho que eu a vi. E desde então a sua imagem nunca mais me abandonou. Estava sempre comigo, a todas as horas, a todos os instantes, numa verdadeira e constante obsessão. Depois de tanto a desejar cheguei mesmo a odia-la por haver roubado a minha tranquilidade, por ter se tornado a causa da minha angustia e da minha inquietação. Desde o dia em que apareceu em sonho, todos os meus versos foram feitos para você, pensando em você. Porque custou tanto a chegar, Marguerite? Porque me fez esperar tanto tempo? Eu já havia perdido totalmente a esperança de encontra-la. Fui longe, muito longe, em busca da Chanaan prometida, sem jamais suspeitar que ela estivesse tão perto de mim. Diga-me, Marguerite; não nos separaremos nunca mais, não é assim? Viveremos eternamente juntinhos e felizes para compensar esse longo tempo em que estivemos separados. (ele enlaça-a..Ela não se opõe mas permanece calada, apenas ligeiramente ofegante) Mas porque não fala, Marguerite? Vamos, diga alguma coisa, (pausa) Dar-se-á o caso que eu tenha chegado tarde demais, quando o seu coração já não mais lhe pertença?

MARGUERITE

( com a voz embargada pela comoção) Não...Mauro...

MAURO

(aflito) Vamos, fale pelo amor de Deus. O seu silencio me tortura. Mata-me. Fale, por favor, diga que também me ama e que esperava por mim!

MARGUERITE

(titubeante) Mas...eu não sei...tudo isto é assim tão...tão...inesperado. Surpreende-me tanto..Tenho medo, Mauro!...

MAURO

Medo de que, meu amor?

MARGUERITE

Do amor de um poeta, Ele durará muito?

MAURO

Ele durará sempre, Marguerite, creia.

MARGUERITE

Mas nós nos conhecemos ha tão pouco...

MAURO

Já nos conhecíamos há muito, Marguerite. Nossas almas foram feitas uma para a outra. E contudo estivemos tanto tempo separados!... Mas agora já nada mais há que nos possa separar, não é assim, meu amor?

MARGUERITE

Um momento, Mauro, deixe-me pensar. (desprende-se dos braços dele, dá uns passos para a boca de cena e permanece de pé e de costas para ele, a música continua lá dentro.)

MAURO

(aproxima-se dela, pegando-lhe pelos ombros e forçando-a a virar-se de frente para ele) Marguerite, não me torture mais. Diga que será minha. Haverá, talvez, algum outro homem na sua vida?

MARGUERITE

Não, Mauro. Jurro.

MAURO

Olhe nos meus olhos. Eles são os espelhos da minha alma. Vê como eles te dizem que eu te amo. (Marguerite procura limpar furtivamente uma lágrima) Tu choras, meu amor, porque? Fiz-te mal, por acaso?

MARGUERITE

Não, Mauro, não. Estas lágrimas são lágrimas de felicidade!

MAURO

É verdade, Marguerite, é mesmo verdade? (ela acena afirmativamente com a cabeça) Minha querida!... Eu sabia que tu harias de chegar um dia!... (abraça-a e beija-a longamente. Seu Joaquim aparece ao fundo no momento em que eles estão abraçados.)

JOAQUIM

Oh, diabo!... Parece que cheguei em má hora. (enfia o chapéu até as orelhas e sai por onde entrou).

Final do segundo ato.

-----

TERCEIRO ATO.

CENARIO: - Estamos novamente na casa de campo do 1º ato. Sobre o piano um pinheiro de natal. Ao descerrar-se a cortina estão em cena D. Malvina, Suzete, Marguerite e Mauro que, isolado a um canto, lê um livro qualquer sentado numa poltrona.

CENA I

D. Malvina, Suzete, Marguerite e Mauro.

MALVINA

Que pena!... Que pena não poderes jantar connosco hoje!

SUZETE

É pena, sim. Tínhamos combinado um programa de estouro! Oh, desculpem-me, eu que tenho tanto horror aos termos de giria, pelo habito de ouvi-los tão constantemente lá em casa, acontece-me ás vezes, de os empregar sem me dar conta.

MALVINA

Estamos em familia, não tem importancia.

SUZETE

Mas mesmo assim fica pau á bessa!

MALVINA

Eu havia prevenido ao Mauro, com tanta antecedencia que a noite de hoje seria minha! Não imaginei que ele fosse capaz de esquecer-se de avisa-la.

MAURO

(sem levantar a cabeça) Avisei.

MARGUERITE

Mauro deu-me o seu recado mas quando eu já havia assumido o compromisso de de irmos jantar com Madame Lopes de Veiga. Não ficaria bonito agora faltarmos a um compromisso de gente ton elegante..

SUZETE

É sim, fica pau. Eu disse páu, não foi? (dirige-se as duas com o olhar)

MALVINA

Não sei.

MARGUERITE

Non prestaí atencion.

MAURO

(sem levantar a cabeça do livro) Disse.

SUZETE

Disse, não foi? Pois é. Viram o que acontece a gente conviver com gentinha? É isso. Eu censo de dizer lá em casa que não quero que falem assim, mas volta e mais lá vem uma pedrada dessas.

MALVINA

Que pena!... Não posso me conformar de não nos reunirmos esta noite!

MARGUERITE

Mas porque non? Poderremos estar reunidos, sim.

MALVINA

Mas creatura, você não acabou de dizer que vai jantar com o casal Lopes de Veiga?

MARGUERITE

Vamos, sim, mas o jantar não irá além das nove, nove e meia da noite. Poderemos depois combinar um ponto parra nos encontrarmos todos.

SUZETE

Bacana! (corrigindo) Quer dizer...formidável! Ótimo! Poderíamos nos reunir lá em casa; estão todos de acordo?

MALVINA

Porque não?

SUZETE

Mauro o que diz? (ele não responde nada e continua com a cabeça baixa sobre o livro).

MARGUERITE

(zangada, falando sempre aspera e forte) Mauro! Você não está ouvindo tia falar? Atenda-a, non seja grosseirro.

MAURO

Você sabe que nessas coisas eu não digo nada porque pouco adianta a minha opinião. Quer eu estivesse de acordo ou não estivesse, você resolveria as coisas como melhor entendesse. É esse o seu costume.

MARGUERITE

A senhorra está vendo como ele me trata? Grosseirão intoleravel!

SUZETE

(concedianda) Bem, não vale a pena brigarem na vespera de Natal. Fica então tão combinado que a reunião, depois do jantar de Madame Veiga, será na minha casa. Ah, é verdade! O maestro não virá hoje aqui? Eu gostaria que ele fosse também. Assim faríamos um pouco de musica.

MARGUERITE

Com certeza ha de vir. Ele vem quasi todos os dias.

SUZETE

Ele também vai jantar com vocês em casa dessa tal Madame Veiga?

MARGUERITE

Ele também foi convidado mas non creio que vá. É um bicho do mato. Non gosta de aparecer em parte nenhuma. Parece que só onde ele se sente bem é aqui. Também non fala com ninguém. Passa horas e horas fumando e pensando ou enton no piano compondo musicas.

MALVINA

(suspirando) Que pena ele ter um genio tão exquisito. Ele é tão simpatico!

SUZETE

Em todo o caso, Marguerite, você diga a ele que vamos nos reunir lá em casa às dez horas da noite, para passarmos todos juntos o Natal e que eu faço questão da presença dele.

MARGUERITE

Si ele chegar antes de sairmos parra o jantar poderrei dar-lhe o seu recado, de contrrarrío non.

SUZETE

E porque não? Você não pode deixar um recado a qualquer um dos criados?

MARGUERITE

Serrá a mesma coisa que non deixar, porque eles non se lembrram. São muito relaxados os meus criados. (gesto de contrariedade de Mauro.)

SUZETE

Em todo o caso vou deixar o recado com Antonio, pode ser que ele não se esqueça desta vez.

MARGUERITE

Serrá um caso raro, em todo o caso. (chamando) Antonio! Venha cá Antonio!

MALVINA

Quem sabe seria melhor dar o recado a Balbina?

MARGUERITE

É a mesma coisa. Nenhum dos dos presta atencion ao que se diz. (novos gestos de contrariedade de Mauro.)

CENA II

Os mesmos e Antonio.

ANTONIO

A patroa chamô?

MARGUERITE

Titia querr deixar um recado parra você ttransmitir ao maestro Roberto.

ANTONIO

Diga logo, madama. Eu tô aqui pra isso mesmo. (áparte) Essa é de puro sangue. (olhando as pernas de Suzete) Canela fina...

SUZETE

Eu vou deixar um recado para você dar ao maestro Roberto mas não quero que você se esqueça, heim? Veja lá. "

ANTONIO

Eu me esqueço, Madama? Deixe disso. A madama sabe que quando eu entro no pário vô inté á raia de chegada.

SUZETE

Bem agora vamos ver. Você vai dizer ao maestro Roberto que hoje de noite às dez horas, vamos nos reunir todos lá em casa e que eu faço questão da presença dele.

ANTONIO

Tá muito bem, madama, pode dexá. Anssim que ele chegá eu alisto ele no pá-rio.

SUZETE

Vamos a ver si você não esquece.

ANTONIO

Não esqueço não, madama, pode ficá descansada. (ela procura dar-lhe uma moeda ele começa a se requebrar e a sorrir, louco para botar-lhe a mão mas fingindo que não quer aceita-la) Não, madama, deixe disso! Não precisa coisa niuna. (continua se requebrando e aproximando-se dela).

SUZETE

Agarre, Antonio, É um presente de Natal.

ANTONIO

(passando a mão rapidamente e segurando a nota ou a moeda) Não, madama, que esperança. (bota-a no bolso) Não posso aceitá.

SUZETE

(olhando de esguelha para Mauro e depois velhaca para Antonio) Bem, si você não quer mesmo aceitar então eu guardo-a. (finge botar qualquer coisa na bolsa).

ANTONIO

É madama, guarde a senhora o seu dinheiro porque eu não posso aceitá. Eu tô aqui (significativamente) pra isso mesmo, (outro tom) pra servir a pessoa da casa.

SUZETE

Bem, mas eu, afinal não sou de casa.

ANTONIO

Ora, madama, não diga isso. A senhora aqui é de casa. É das nossa.

MARGUERITE

(severa) Bem, Antonio, eu não mandei chamar você prra conversar com titia, mandei chama-lo só parra receber um recado e ttrransmiti-lo o que aliás eu duvidô muito que você faça.

ANTONIO

(num rompante, impensadamente) quanto é que a senhora qué apostá? (ela fulmináo com o olhar, ele olha em si e fica médo desconcertado).

MARGUERITE

Vá lá parra dentro, já disse.

ANTONIO

Tá bem, madama, eu vô. (começa a dar passo por passo para traz, requebrando-se todo, fazendo sorrisinhos para madame Suzete e ficando serio brusca-mente, cada vez que dá de olhos em Marguerite que permanece olhando-o com severidade até que ele desaparece na porta.) Já tô indo.



MARGUERITE

Ande de uma vez.

ANTONIO

(da porta) Já fui. (sai)

CENA III

Cs mesmos, menos Antonio.

MARGUERITE

Estes empregados me deixam neurastênica!

MALVINA

Ora, minha querida, não vale a pena dar importancia a essas coisas.

SUZETE

(olhando o relógio) A todas estas eu não sei a quantas ando. O meu relógio parou. Vocês tem horas, por acaso?

MALVINA

O meu relógio nunca funciona bem. Nem parece que custou tão caro. Ando sempre adiantado ou atrasado, por isso não posso lhe dizer com certeza a quantas andamos. Talvez o seu, Marguerite...

MARGUERITE

O meu está parado, também. Creio que esqueci de dar cordão hoje.

SUZETE

Será possível que ninguém saiba dizer a hora exata?

MAURO

(sem levantar a cabeça do livro) São sete e meia.

SUZETE

Sete e meia já? Que horror, que tarde! Bem, eu vou embora que tenho ainda muito que fazer antes do jantar. (a Malvina) Vo cê quer aproveitar o automovel?

MALVINA

Aceito. O trem demora ainda meia hora e de auto em menos de meia hora eu estarei em casa.

SUZETE

Bem, Marguerite, então espero-te lá em casa às dez horas.

MARGUERITE

Está bem, nós iremos. (beijos)

MALVINA

Adeusinho, querida. (beijos)

SUZETE

(apertando a mão de Mauro) Até logo. (ele levanta-se e aperta a mão de Suzete. Malvina cumprimenta-o de cabeça com certa hostilidade. Saem as duas. Marguerite da porta diz adeus com a mão. Mauro continua lendo.)

## CENA IV

Márguerite e Mauro.

MARGUERITE

(voltando-se da porta) Ó, Mauro, você é muito descortez com as visitas. Não conversa, não dá uma palavra e fica sentado aí o tempo todo sem se preocupar de ter uma atenção uma gentileza com as pessoas de fora.

MAURO

É esse o meu feitiço, o que é que você quer que eu faça?

MARGUERITE

Você antes não erra assim. Você cada vez está pior, Mauro! Isto é horrível (ele continua lendo, sem dar maior atenção ao que ela diz) Eu chego a ficar desapontada com as pessoas que vem me visitar. (ele não levanta a cabeça. Ela arranca-lhe o livro das mãos) Oh, Mauro, acabe com isto. Você não faz outra coisa senon viver com o nariz em cima dos livros! Isto também já é demais. Vá tratar de se vestir que temos que jantar fora. Devemos estarr na cidade antes das oito e meia e temos quasi meia horra de automovel. (ele se levanta, chega até a porta do fundo, olha para fora e consulta o relógio.) Ande depressa, venha se vestir. Olhe que já estamos atrrazados. (sai)

## CENA V

Mauro e Antonio.

(Mauro acende o cigarro, consulta novamente o relógio e dispõe-se a ir mudar de roupa quando Antonio entra).

ANTONIO

Patrão, dá licença?

MAURO

O que é que tu queres, Antonio?

ANTONIO

Eu quiria, patrão... (começa a fazer requebros) Eu quiria...

MAURO

Riz logo o que é que tu querias, rapaz.

ANTONIO

Eu quiria pídi pra o senhor me dá licença de saf hoje de noite que tem um baile lá no Tesorada e eu tô na comissão de recepeção não posso fartá... o senhor compreende, não é?

MAURO

Está muito bem, Antonio, essas coisas não são comigo, são lá com a patroa.

ANTONIO

Mas o patrão sabe que a patroa...

MAURO

Ngo vai lhe deixar ir, eu sei.

ANTONIO

Pois é, por isso é que eu queria que o patrão me desse licença porque assim quando ela viesse botá buxinxo cumigo eu dizia que tinha ido com órde do sinhô.

MAURO

E o buxinxo então passa a ser comigo.

ANTONIO

O sinhô já tá acostumado. Eu posso farsia o estribo na carreira e caí no meio da cancha.

MAURO

Tens medo do tombo, não é verdade?

ANTONIO

Não, patrão, o tombo não é nada. A quistão é os cavalo que vem correndo atraiz que pisoteia a gente dispois.

MAURO

(sorrindo) Está bem, Antonio, podes ir com minha ordem. Hoje é vespera de Natal é justo que você se divirta.

ANTONIO

Muito obrigado, patrão. Agora, tem outra coisa...

MAURO

(metendo a mão no bolso e dando-lhe uma nota) Está aí a outra coisa. Está contente?

ANTONIO

(todo risonho e satisfeito) Esse patrão é um bicho, nem espera a largada! Como é patrão, o sinhô que dá uma chegadinha lá até lá a sociedade? Si quizé num faça cirimonha. O sinhô sabe que eu lá mando um pedaço. Si sai argum buxinxo e o sinhô fô preso, num precisa tê medo que eu vô junto.

MAURO

Não, Antonio, muito obrigado.

ANTONIO

Num faça cirimonha.

MAURO

Não faço, não.

ANTONIO

Tá bão, patrão, antão gudinaite e bãos natal.

MAURO

O brigado, Antonio. (Antonio sai)

CENA VI

Mauro só e depois Roberto.

(Mauro ficando só vai até o radio, lega-o e começa a ouvir um pouco de musica quando Roberto chega. Pega depois um papel e começa a escrever).

ROBERTO

Boa noite, Mauro.

MAURO

Boa noite, como vais?

ROBERTO

Vive-se. E tu o que fazes?

MAURO

Nada. Tinha principiado a rabiscar uns versos.

ROBERTO

Continua-os então. Não quero interromper-te.

MAURO

Não, não tem importancia. Estava escrevendo por acaso. Inspirado, talvez na musica que está tocando.

ROBERTO

Deixa-me ve-los.

MAURO

(dando-lhe o papel) Escrevi apenas duas ou tres frases.

ROBERTO

(lendo) Ilusão - presente lindo que a vida nos dá, sorrindo, para em breve nos tirar, mentira risonha e bela que, sob forma de estrela, aparece ao nosso olhar; ( Termina de ler os versos e procura encarar Mauro que foge ao seu olhar prescrutador) Estes versos, Mauro, revelam muita coisa que tu tens escondido de mim.

MAURO

(disfarçando) Estás enganado, Roberto. Nada tenho escondido de ti.

ROBERTO

Estás mentindo, Mauro, porque?

MAURO

Não, Roberto, eu não estou mentindo. É uma impressão tua, apenas.

ROBERTO

Infelizmente, não é apenas impressão. O meu coração me diz que tu sofres Mauro, e se insisto em que me digas a verdade é porque sei que a dor é sempre mais suave quando podemos desabafar-la com alguém que nos saiba compreender.

MAURO

( num sorriso forçado) Mas si eu não tenho nada para desabafar?!  
.

ROBERTO

( após uma pausa) Mauro, eu sou teu amigo, mais do que isto, sou teu irmão. Quando aos dez anos de idade tive a desventura de perder minha mãe, foram as mãos carinhosas e santas da tua que enxugaram o meu pranto amargurado. Tu

eras então muito pequeno, tinhas apenas dois ou tres anos. Passei a morar em tua casa e a ser tratado por tua mãe como seu verdadeiro filho. Mas o destino havia determinado que me faltassem sempre na vida umas mãos de mulher que me acariciassem e ela morreu tambem. Eras já então, um garoto crescido. Separamo-nos com lagrimas nos olhos. Cada qual seguiu o triinho que o seu destino havia traçado. Tu foste para um colegio na Europa e eu fui estudar musica no Conservatorio da Capital. Mais tarde morreu teu pai e reunimo-nos novamente. Mas o tempo que estivemos separados não arrefeceu a minha amizade por ti, antes, até parece que serviu para consolida-la muito mais ainda. Assim, habituei-me a ver entí o meu irmão mais moço, sempre inspirando-me cuidado pelas suas creancices e sobretudo pelo seu temperamento arrebatado e pela vibratibilidade da sua alma de artista. Foste sempre sincero comigo, nunca me ocultas-te o que sentias, excéto hoje que sofres a mais profunda decepção da tua vida e insistes em mentir. (Mauro permanece calado, com os olhos vagos, sentado numa poltrona. Uma pausa) Não tens confiança em mim? Não cres que eu seja teu amigo! Vamos, fala.

MAURO

(comovido) Creio sim, Roberto, e si não fosse a assistencia carinhosa da tua amizade, eu não sei o que seria de mim.

ROBERTO

Tu sofres, Mauro, porque tu precipitaste damasiadamente. Pensaste encontrar em Marguerite a mulher que havias sonhado e o desejo louco de ver realizada a tua fantasia não te permitiu estudar o seu carater, o seu genio, as suas qualidades e defeitos. E do sonho tão lindo que tiveste acordaste para a mais crua realidade desta vida de sofrimentos.

MAURO

(amargurado) Fui um louco, Roberto, um louco. (pausa) Agora é tarde, muito tarde.

ROBERTO

Talvez não. Si me permitires falarei a Marguerite e quem sabe? É possível que, com os meus conselhos, ela ainda venha a se modificar.

MAURO

Nada mais adeantaria, Roberto, porque ela destruiu o meu sonho! 'E só hoje, desgraçadamente tarde, é que sinto que amo uma outra mulher, uma outra mulher que eu repeli, que fiz sofrer, com certeza e que teria sido para mim o que eu tanto desejei que Marguerite viesse a ser. Marguerite é futil, vaidosa, irascível, ciumenta, deia a arte porque eu a amo acima de qualquer coisa, tem horror aos meus versos porque diz serem inspirados noutras mulheres, não pensa noutra coisa senão em bailes, cinemas, passeios e vestidos. Eu que a imaginei terna, carinhosa, inspiradora!...E dizer-se que corri tanto em busca da felicidade!

ROBERTO

É isso, mesmo amigo; quando pensavas correr atraz da felicidade, fugias dela sem o saber.

MAURO

Tens razão. Fugia dela, sim porque ela estava perto, muito perto de mim. (recordando) Uma noite - lembra-me perfeitamente - aqui nesta mesma sala, chegou a tocar-me com as suas mãos. (indica o lugar) estava sentado ali (indica o lugar) da cena do primeiro ato) quando senti de leve umas mãos muito macias taparem-me os olhos. Era ela!

ROBERTO

Helenita?

MAURO

A felicidade.

ROBERTO

(convicto) A felicidade, sim.

MAURO

Como será possível, Roberto, que um sonho nos possa embriagar a ponto de roubar-nos a ~~fabuldade~~ de refletir? Como foi que deixei de compreender que Helenita teria feito a minha felicidade? Tinha uma alma de artista irmã da minha, sabia sentir os meus versos, sabia compreender o meu coração. Lembra-te do dia em que chegou? Após o jantar sentou-se ao piano e tocou o Réve d'amour de Listz. E nunca mais ouvi ninguém tocar-lo com uma expressão igual á dela.

ROBERTO

( num suspiro ) Marguerite nem sequer sabe tocar.

MAURO

(irritado) Detesta toda e qualquer manifestação de arte. Vai ás exposições de pintura ou aos concertos porque aí é um ponto de reunião da sociedade elegante e uma oportunidade de apresentar um vestido que fará inveja a duas ou tres amigas. Nada mais.

ROBERTO

Si ao menos com isso ela te permitisse uma vida melhor dentro da tua casa a situação não chegaria a ser tão desesperadora como é. É por isto, principalmente, que desejo falar-lhe. Si me permitisses...

MAURO

Bem, Roberto, faz o que entenderes. Sempre confiei em ti.

MARGUERITE

( de dentro gritando ) Mauro, você já está pronto?

MAURO

(levando um susto) Oh, Roberto, distraí-me conversando e esqueci de que estávamos convidados para jantar fóra. Marguerite vai ficar furiosa comigo. Vou trocar de roupa num instante.

ROBERTO

Mas é cedo ainda, são oito horas, apenas.

MAURO

Mas o jantar será servido ás oito e meia e tu compreendes que mesmo de automovel teremos ainda uns vinte minutos de viagem até á cidade. Até já. (vai sair quando Marguerite entra)

CENA VII

Os mesmos e Marguerite.

MARGUERITE

(entrando em elegante toilette de jantar, furiosa) Oh, Mauro! Mauro! Você ainda está desse jeito, Mauro? Eu não disse a você que nós estávamos atrazados, Mauro? Porque você non foi mudar a roupa, Mauro?

MAURO

Eu já vou. Eu ia exatamente sair pra isso mesmo.

MARGUERITE

Ia sair, no erra? E porque non saiu antes? Parra me fazer esperrar?

MAURO

Eu não demorarei nada. Apronto-me em cinco minutos.

MARGUERITE

Vá dum a vez, Mauro. O que é que você está esperando? (Mauro sai. Marguerite acende a luz.)

CENA VIII

Roberto e Marguerite.

MARGUERITE

(exasperada, batendo com o pé no soalho) Oh, Non Dieu! Que desespero que este homem me faz sentir às vezes! Como dão trabalho os marridos, Uff!

ROBERTO

Darão mais do que as mulheres?

MARGUERITE

(exagerada) Oh! Muito mais, muito mais. Sem comparrason. (olhando o relógio de pulso) Imagine! Muito mais de oito horas. Vamos chegarr atrasadíssimos.

ROBERTO

Afinal, não ha assim tanta pressa. Mais dez minutos menos dez minutos não fazem grande diferença.

MARGUERITE

Prometi a Madame Lopes de Veiga que estaria lá antes das oito e meia e non gosto de faltar aos meus compromissos. E depois madame Veiga é uma senhora que repara muito essas coisas. (outro tom) Ah, é verdade. (chamando) Antonio! Venha cá depressa, Antonio!

CENA IX

Os mesmos e Antonio.

ANTONIO

(entrando apobado) Pronto, madama, a senhora chamô?

MARGUERITE

Claro que chamei. Non ouviu eu gritarr?

ANTONIO

Ovi, sim, madama. Foi por isso que eu vim. Si eu não tivesse ouvido não tinha vindo.

MARGUERITE

Pois si ouviu porque anton pergunta si eu chamei?

ANTONIO

Pora tê certeza, madama. As veis a gente pensa que chamaro vai vê e não chamaro. Otras veis a gente pensa que não chamaro, vai vê e chamaro. E outras veiz a gente pense que chamaro, vai vê e chamaro mesmo.

MARGUERITE

Bem, acabe com essa conversa que isso non me interressaa.

ANTONIO

Já acabei, sim senhora.

MARGUERITE

Vá dizer ao seu patrão que não vá botar a roupa de andar todo o dia. Que não se esqueça que é um jantar elegante. Que bôte smoking ou linho branco.

ANTONIO

Sim senhora, madama, eu digo já. (sai correndo)

CENA X

Roberto, Marguerite e depois Antonio novamente.

MARGUERITE

Maurro parrede uma noiva parra se vistir. Leva duas horras. Parece mentirra que até agorra não esteja pronto.

ROBERTO

Você está sendo muito exigente, Marguerite. Não esqueça que não fazem nem cinco minutos que ele saiu daqui para trocar de roupa.

MARGUERITE

Um homem non precisa mais de cinco minutos parra fazer isto.

ROBERTO

Ela não ha de demorar muito. Mauro veste-se depressa.

ANTONIO

(entrando) Madama, eu não dei o recado que a senhora mandô pro patrão porque quando cheguei lá no quarto ele já tava com a ropa de linha em riba da cama.

MARGUERITE -

Dêga a ela que não me faça esperrarr mais, que já é muito tarde e que nós vamos chegarr atrrazadissimos.

ANTONIO

Não se assuste, madama que o patrão não chega atrazado. Ele é pareiêro de raça, quando dá o sinal de largada ele já tá pronto pra corré. (sai)

ROBERTO

porque motivo este jantar de hoje é assim tão cedo? Geralmente os jantares de Natal são muito mais tarde. Entre dez e onze horas.

MARGUERITE

É que madame Veiga deseja fazer tudo mais cedo por causa das crrianças. Estão habituadas a dormir cedo e non resistirriam ficar acoriadas até muito tarde.

ROBERTO

E a que horas voltarão?



MARGUERITE

Creio que virremos muito tarde porque combinamos nos reunir em casa da tia depois que o jantar terminasse. É verdade, tia pediu que convidasse a você também para se reunir lá.

ROBERTO

Muito obrigado, é possível que vá.

MARGUERITE

Éo jantar de Madame Veiga você non virrá? Ela disse que convidasse também a você.

ROBERTO

Foi uma gentileza que eu já agradei com algumas flores e um cartão onde apresentava as minhas desculpas por não poder comparecer.

MARGUERITE

Você é muito exquisito, Roberto. Apósto que nem mesmo em casa da tia você serrá capaz de aparecer.

ROBERTO

Eu me sentiria muito satisfeito de poder passar a noite de Natal em companhia de Mauro. Você sabe que ela é tudo que me resta do passado. Entretanto, não me sinto absolutamente com disposição para ir a festas, mesmo de caráter íntimo, razão porque preferirei ficar em casa, inda que todos saiam.

MARGUERITE

E o que vai fazer aqui sosinho?

ROBERTO

Eu não estarei só, Marguerite. (apontando o piano) Ficarei com esse grande amigo de toda a minha vida e a minha saudade que não me abandona nunca!

MARGUERITE

Conversarrá com eles enton?

ROBERTO

Sim. Tocarei e a voz do meu grande amigo me distrairá.

MARGUERITE

Non sei que prrazer você pode sentir na voz de um piano.

ROBERTO

Pelo menos enquanto conversar com ele teré a certeza do ouvir somente as coisas agradáveis.

MARGUERITE

Muito bem, enton aproveite e toque bastante. Eu não estando em casa pode tocar á vontade mas quando eu estiver em casa já sabe que o barulho da musica me faz sempre muito dor de cabeça.

ROBERTO

É porque não gosta de musica.

MARGUERITE

Gosto muito dessas musicas que tocam parra dançar. Outras musicas non. (olhando o relógio) Mau Deus do Seu, quasi oito e meia. Que horror!... Como vamos chegar tarde! (gritando para dentro) Mauro! Oh Mauro!... Anda vamos, depressa homem, é muito tarde!... Este homem tirra uma pessoa da paciência!

ROBERTO

Ele já deve estar quasi pronto.

MARGUERITE

Mas isto é uma barbaridade!... Desde cedo que Mauro sabia que tinhamos este jantar! Porque non se aprrontou mais cedo?

ROBERTO

A culpa foi minha que o distraí conversando, Marguerite.

MARGUERITE

(indignada) Si non fosse você erra o jornal, si non fosse o jornal erra a revista, si não fosse a revista, erra outra coisa qualquer. Mauro é sempre assim. (chamando) Antonio! Antonio! Depressa, Antonio!

ANTONIO

(entrando afobado) A madama Chamô?

MARGUERITE

(indignada) Chamei, Antonio, Chamei! Chame o seu patrão depressa.

ANTONIO

O patrão não dimoia, madama. Já feiz a vorta toda e tá intrando na reta da chegada.

MARGUERITE

Diga pra ele que eu não esperro mais de dois minutos. Si ele demorrar eu vou emborra sosinha.

ANTONIO

Tá certo, madama. Vô dizê. ( sai. Marguerite começa a andar de um lado para outro, impaciente. Roberto observa-a )

ROBERTO

Marguerite. (ela para) Você não tem notado muita diferença no Mauro nestes últimos tempos?

MARGUERITE

Diferença? Non. Mauro é sempre o mesmo enjoado. Porque?

ROBERTO

Porque essa diferença que você diz não ter notado, a mim não tem passado despercebida. Mauro mudou completamente. Já não é a mesma creatura. Si você prestar atenção ha de notar tambem. Anda triste, abatido creio mesmo que está doente.

MARGUERITE

(indiferente) Doente? Non. Ele esteve, sim, um pouco resfriado mas já passou. Agorra non tem mais nada. (olhando o relógio) Mas que coisa medonha,

Eu non esperro mais. Vou embora sosinha! (Mauro entra, afobado seguido por Antonio que lhe ajuda a vestir o casaco e traz-lhe o chapau na mão) Irra, Mauro!... Voce é uma coisa horrorosa! A que horas vamos chegar? (mostrando-lhe o relógio) Veja! Já son quasi nove horas. (saindo) Que vergonha! Eu que tinha prometido a Madame Veiga que estarría lá antes das oito e meia. (sai).

MAURO

( da porta á Roberto) Não vens connosco?

ROBERTO

Não. Esperarei a volta de vocês aqui.

MAURO

Eu creio que voltaremos muito tarde.

ROBERTO

Não tem importancia, ficarei esperando.

MARGUERITE

( gritando de fora) Mauro, por favor, Mauro, vamos!

MAURO

Até logo, então. ( sai correndo).

ROBERTO

Até logo.

CENA XI

Roberto e Antonio.

ANTONIO

(permanece algum tempo olhando para a porta onde Mauro saiu e depois vira-se para Roberto, rindo-se) Puxa, seu Roberto, que essa madamasinha é danada de braba. É memo de cabelinho da venta, como si custuma dizê. Traiz o seu Mauro de canto chorado. É que ela inda nun tá bem mansa, sabe seu Roberto? A muié tambem percisa sê donada porque si não toma o freio nos dentes e derruba o marido na primeira vorteadá da cancha. (Roberto não responde senta-se ao piano, abre-o e fica a olhar para o teclado) Seu Roberto... (Roberto olha para ele) O senho vai vê as currida no dumingo?

ROBERTO

Não. (continua a olhar para o teclado)

ANTONIO

Vai corrê a egua da dona Clemencia do sobrado, numa aposta de dois conto de reis com o malaçara do Chico Funilero. A egua da dona Clemencia vai ganhá, nem tem que vê. Já fechei duas aposta. Uma com o Malaquia otra com o Juca respingado, o biroio aquele que teve aqui otro dia pra concertá os cano do aquecedô. (Roberto continua meditando sem lhe dar atençaõ) Seu Roberto.... ( ele não ouve) Seu Roberto...

ROBERTO

( como que despertando) O que é?

ANTONIO

O senhor se alembra daqueles versinhos que eu fiz e que o senhor botô mas-  
ga? Fizeram um alarme lá no Tezorada. Dispois era só morena apidi verso

prá mim. Tive que fazê um bocado de verso. Agora eu tenho otro aqui, o sinhô qué vê, seu Roberto? Posso lê eles pro sinhô ovi?

ROBERTO

Pode, lê.

ANTONIO

quem sabe se o sinhô memo que lê?

ROBERTO

Deves entender melhor a tua letra do que eu. Lê tu.

ANTONIO

(tirando o papel do bolso) Tá aqui. (lendo) Num dia de ventania, eu e mais o Malaquia fizemo grande arrelia pro causa dumas carrera. Ele veio com bestera de dizê que o Tubiano ia ganhá e dá os cano no baio do Zé Antonio. Fiquei fulo co demonho tá teimando assim cumigo; xinguei de cara de figo, de cara de assabração, foi quano vi nhá Rosinha vim correndo, nervosinha, lá de drento do portão. Nhá Rosinha ha muntos dia namorava o Malachia, quano viu nossa arrelia veio logo se metê, foi me dizendo bestera, me xingô de babosera, disse otras muitas porqueras, peste ruim, febre amarela, e muitas mais desaforo. Fiquei fulo como um toro, quiz acabá com os namoro, empurrei o Malaquia por riba de uma canela, fiz um burro estardalhaço, apertei ela nos braço e bejei a boca dela. (outro tom) Bonito!... Não é memo seu Roberto?

ROBERTO

É, sim, muito bonito.

ANTONIO

Como é, seu Roberto, então o senhor faiz otra musiquinha pra esses?

ROBERTO

Faço, Antonio, mas não hoje.

ANTONIO

Não precisa sê hoje, seu Roberto, quandoo sinhô quize.

ROBERTO -

Muito bem, então deixa ficarem os versos comigo que assim que eu tiver disposição eu faço a melódia.

ANTONIO

Mas uma melódia daqueles nossa, heim, seu Roberto? Uma melódia daquelas de dexá a turma abatada.

ROBERTO

Está muito bem.

ANTONIO

(dando-lhe os versos) Então tá aí, seu Roberto. Muito obrigado. Tá bão eu vô andando que nós hoje temo uma festa no Tezorada e eu tô na comissão de recepeção não posso chegá atrazado. Vô me perpará. (vai até a porta) O senhô não vai saí, seu Roberto?

ROBERTO

Não, Antonio, vô ficar em casa.

ANTONIO

Quem sabe o sinhô qué dá uma chegada até lá á Suciidade comigo? Lá eu mando um pedaço, seu Roberto, o sinhô pode entrá e dansá com quem quizé. Indo comigo não precisa mais nada.

ROBERTO

Obrigado, Antonio, eu prefiro ficar em casa.

ANTONIO

Si quizé já sabe, não faça cirimonha. Boa noite, seu Roberto, feliz Natal

ROBERTO

Obrigado, Antonio, boa noite. (Antonio sai)

CENA XII

Roberto só. -

ROBERTO

(Roberto levanta do piano, caminha lentamente pela cena, chega até a frente de um movel qualquer onde esteja um retrato de mulher, olha-o longamente, pega-o depois e fala:) Pobre madrinha!... Estarias sofrendo muito hoje, si ainda existisses! Mas para ele seria um grande lenitivo o teu carinho!... Tu, mãesinha, que tudo fizeste por ele e por mim. Parece que ainda estou vendo o olhar angustiado e suplicante com que, do teu leito de morte, imploravas ao medico que te restituísse a vida. Só mais tarde pude compreender que era por nós que tu desejavas a vida que te fugia, mas hoje chego á conclusão de que a morte foi misericordiosa, poupando-te de presenciar o que hoje se passa nesta casa. Somos dois orfãos do teu amor. Dois orfãos do teu amor e da felicidade! (solta o retrato onde estava, vem andando, até a boca de cena, senta-se numa poltrona permanecendo algum tempo pensativo. A seguir divagando): Coração!... Como nos escravizas e quanto nos fazes sofrer!... Como vives dias sem fim, na inquietude de espera, procurando, adejando, tonto a procurar aquela que não vem. Meu pobre coração, criança louca!... Passam as horas, passam os dias, passam os anos e tu persistes em guardar contigo um sentimento de paixão intensa por uma mulher que gosta de outro homem! Eu sei que tu tens procurado libertar-te mas todo o teu esforço tem sido inutil. Cada dia que passa aumenta a veemencia desta paixão e diminue a esperança de-la vir a pertencer-te ainda. Como és fraco, meu pobre coração!... (pausa) (soam os sinos de uma igreja proxima.. Roberto levanta-se, vai ao fundo olha algum tempo para fóra. Um coro ao longe começa a entoar, com acompanhamento de órgão a canção de Natal "Noite Feliz" Roberto começa a escutá-la, olha depois longamente para arvore de Natal, acende-lhe as velas, pois que durante a cena anterior o crepusculo começa a envolver todas as coisas, e começa a falar): Noite de Natal!... quanta saudade!... E como vai longe aquele tempo bom em que eu acordava de manhã cedo e corria para o fogão em busca dos sapatos que lá puzera na vespera. A bola! O pião! Os soldadinhos de chumbo, o livro de historias e o polichinelo que sorria da minha ingenuidade de pensar que existísse na vida um velhinho bom que levasse a felicidade a todas as creanças do mundo!... Só hoje, meu polichinelo, eu compreendo aquele teu sorriso!... (pausa)

A arvore de Natal de minha vida,  
enfetada de sonho e de esperança,  
parecia, aos meus olhos de criança,  
uma estrela de luz do ceu esida.

Refletindo na luz de suas velas  
eu via o meu destino grandioso:  
ser forte, ser feliz, ser venturoso,  
vendo florir as ilusões mais belas.

Mas os anos passaram... e fizeram,  
com a dor e os desenganos que trouxeram,

transformar-se a feliz decoração.

Só tristezas pependentes de seus galhos,  
as esperanças feitas em retalhos  
e apagadas as velas da ilusão!...

(Roberto permanece um tempo calado. Entra Balbina com um lampeõzinho aceso na mão. Fecha a janela do fundo sem fazer ruído. Verifica si a porta está fechada e vai voltar por onde entrou quando lhe parece ter avistado um vulto qualquer. Levanta mais o lampeão para iluminar melhor a cena, aproxima-se um pouco e fala):

CENA XIII  
Roberto e Balbina.

BALBINA

É você, Antônio?

ROBERTO

(sem olhar para ela) Não, Balbina, sou eu.

BALBINA

(aproximando-se e botando a luz do lampeão mais proxima ao rosto de Roberto) Ah! É o seu Roberto. O sinhô tá duente, tá? Qué que a preta véia faça um chasinho?

ROBERTO

Não, Balbina, obrigado. Eu não tenho nada.

BALBINA

O sinhô tá tão triste, seu Roberto! O que é que o sinhô tem? Diga prá preta véia, diga.

ROBERTO

(num suspiro) As minhas tristezas são tantas, minha boa Balbina, que si eu fosse enumera-las passarias a noite toda a escutar-me.

BALBINA

Si isso aliviasse as magua do sinhô, a preta véia passava a noite toda de muito boa vontade.

ROBERTO

Bea sei, Balbina, bea sei. Tu és muito boa.

BALBINA

(apos uma pausa) O amô quando vem faiz a gente sempre sofrê, mas depois acostuma, faiz cama.

ROBERTO

O amor!... Si não existisse o amor não existiria o sofrimento, Balbina. Dizem que ele ás vezes nos traz felicidade, mas a felicidade é coisa tão difícil de ser encontrada!... Tão difícil, minha boa Balbina!... Ha dois anos que o meu coração suspira por ela, loucamente, desesperadamente, mas cada dia que passa é um fragmento de esperança que se esvai. Não posso ter tranquillidade de espirito. E agora, alem de todo este meu sofrimento, sou forçado a assistir a infelicidade de Mauro sem nada poder fazer em seu favor. Somos dois infelizes, Balbina. Dois corações a sofrer.

BALBINA

E a preta veia, meu fio? Mecê pensa que ela não sofre tambem? Sinhô pensa que ela num tá vendo tudo? Num tá acompanhando tudo?

ROBERTO

Sei, sim, Balbina, pardoa. -u sei que você tambem sofre conosco. E você por certo já percebeu que Mauro vive a fingir uma alegria que está muito longe de sentir e que consegue obter á custa do alcool que bebe no club.

BALBINA

Tudo, meu fio, tudo a preta veia tá vendo.

ROBERTO

Tenho-me preocupado muito com ele. Recolhe-se tarde e quasi sempre tonto. Tenho vindo sempre traze-lo pelo receio de que possa levar o carro de encontro a uma arvore ou precipitar-lo num barranco.

BALBINA

Meus pobres fio! Seu Mauro e seu Roberto!... Foram os meu fio. Deus me tirô o meu Binidito muito cedo, não tinha dois ano ainda, e a preta veia sofreu muito. Quando chegava ansim a hora da tardinha, a hora de fazê o pretinho drumi, a preta veia oiava ansim pra caminha vasia e sentia a dô dô forte da sodade le duê drento do peito. Garrava então seu Mauro e seu Roberto, fechava os óio delorido, e embalava eles nos braço pra insquecê a sodade do pretinho. E a preta veia cantava, cantava com os óio cheinho dagua. (pausa) Na noite de Natá era sempre a preta veia que arrumava os brinquedo tudo em riba do fogão. Quanta coisa bonita!... Era a noite que os fio dava mais trabalho!... Custava a drumi. Ficava argariado com os brinquedo que o véinho ia trazê. Dispois que a preta veia já tava cansada de cantá, os óinho dos fio ia se fechando, ia se fechando e por fim eles drumia a sono sorto! E era ansim que a pretaveia cantava: (canta) Sapô cururú, da beira do rio, quando o sapo canta, nenem cururú tem frio!... (ouve-se um carrilhão á distancia, Balbina que está agachada ao lado da cadeira onde Roberto se santou, faz o sinal da cruz, apanha o lampeão do bhão e vai levantando-se com dificuldade. Roberto, que está chorando, procura enxugar as lagrimas sem que Balbina o veja, ela, entretanto, se apercebe.) Que é isso, seu Roberto, tá chorando?

ROBERTO

Não, Balbina, não estou.

BALBINA

(pegando o lampeão e aproximando-o do rosto de Roberto) O sinhô tá chorando, seu Roberto, porque? Foi a preta veia que lhe fez chorá?

ROBERTO

(levantando-se bruscamente e vindo para o centro da cena. Balbina segue-o) Não, Balbina, eu não estou chorando. (forçando um sorriso) Eu estou sorrindo, vê? Eu não choro nunca, Balbina! Eu não choro nunca! (abraça-se a ela e começa a rir) Nunca! Nunca!... (as gargalhadas vão-se transformando em soluços e por fim ela deita a cabeça a chorar sobre o hombro dela)

Cortina rapida e fim do 1º tempo

## 2º T E M P O

CENARIO: - A mesma sala do 1º tempo. Cena quasi toda ás escuras. Existe apenas a luz de abt-jour que está sobre o piano. Marguerite está sentada a ele, tendo uma musica aberta em sua frente, e vestindo um bonito peignoir de gaze rosa. Está inquieta ansiosa, e atenta a qualquer movimento exterior. O relógio bate á distancia, lentamente, as quatro badaladas da manhã. Helenita sobresalta-se. Olha o seu relógio de pulso e a sua inquietação e dasassossego se acentuam claramente. Vai á janela e começa a olhar para fóra, procurando prescrutar a escuridão e o silencio exterior. Volta pega um livro, senta-se a uma poltrona, tenta a ler mas não consegue. Passa a mão pela testa como a pretender afastar qualquer mau pensamento que lhe assalta e por fim sai de cena para o interior da casa, nervosa. Deixa o livro aberto sobre a cadeira. Balbina entra, fecha a janela que Helenita deixou aberta, recolhe o livro de cima da cadeira botando-o na estante, fecha o piano que ela deixara aberto.

## CENA I

BALBINA só.

que inferno de vida, meu Deus!... Já rezei treis rosario e ele inda não vortô. Cada veis tá vindo mais tarde pra casa. Não dimora muito tá amanhecendo. Eu fico tão afrita! Tenho medo que acunteça alguma coisa nessa instrada. Hai tanto bandido pur aí!... (ouve-se rumor de passos e ela esconde-se sobre um canto da sala, na obscuridade. Marguerite entra, vai á janela, abre-a e sonda novamente a escuridão. No seu nervosismo aparente esquece a janela aberta, vem até o centro da cena amassando um lenço e volta novamente para o interior da casa. Balbina chega até a porta onde ela desapareceu, vindo depois lentamente para a boca de cena) Eu num posso comprehendê a patroa. O que será que ela tem? Dexa o patrão í pra cidade, num diz nada pre ele mas inquanto ele num vorta ela não si adeita e não drome. Tombem é só o artomovi busiá lá na vorta da instrada a luz do quarto dela se apaga logo e fica tudo selencio. Eu inda não descubri o que é que he hay, mais que hay alguma coisa ahí. (vai até a janela que Marguerite deixou aberta, fecha-a com cuidado para não fazer barulho, apaga as luzes todas e sai, deixando a cena ás escuras. Antonio aparece ao fundo, vestido com a sua roupa de gala, oculos de tartaruga, chapéu de chile, flor na lapela, bengala, luvas e polsinas claras. Entra pé ante pé, examina tudo, e vai novamente ao fundo e faz sinal a alguém de fora que pode entrar. Entra Roberto com Mauro adormecido nos braços. Coloca-o deitado no sofá.)

## CENA II

Antonio e Roberto.

ANTONIO

Que bebedeira, heim, seu Roberto?

ROBERTO

Cuidado, Antonio, fale baixo.

ANTONIO

Vamos dá qualquer coisa pra ele tomá?

ROBERTO

Não vai adiantar coisa nenhuma. O melhor é deixa-lo dormir.

ANTONIO

Mas si a patroa encontra ele deitado aí amanhã, vai se um barulho dos diabo.

ROBERTO



ROBERTO

Mas quem é que disse que nós vamos deixa-lo aqui? Vamos leva-lo para o seu quarto.

ANTONIO

Então vá o sinhô, seu Roberto, porque eu é que nao entro no quarto dele com a madama lá. Si ela se acorda vai sê uma argazarra maluca e o sinhô vai vê que a culpa toda é eu que vô levá. Ela é capaiz até de dizê que fui eu que levei o patrão pra farra. Essa mulhersinha é um bucardo danada, seu Roberto, o senhô ~~saka~~,nem sabe.

ROBERTO

Deixe de conversas, Antonio, ninguem vai leva-lo para o quarto de Marguerite. Vamos leva-lo é para o quarto de hospedes onde ele ha muito tempo está dormindo.

ANTONIO

Como é isso, seu Roberto, o patrão não dorme mais no quarto da patrôa?

ROBERTO

(caindo em si) É que...eu não sei, não, Antonio. Deixe-se de perguntas.

ANTONIO

(áparte significativamente) Ahm!...épor isso que a patroa anda tão braba!

CENA III  
Os mesmos e Mauro.

ROBERTO

(aproximando-se de Mauro e sacudindo-o para acorda-lo) Meu velho, acorda! Mauro! (dando-lhe bofetadas de um lado e outro do rosto) Mauro!

MAURO

(num resmungo) O que é?

ROBERTO

Acorda, Mauro.

ANTONIO

Acorda, patrão, que o senhô tem que í arumi.

ROBERTO

Acorda, Mauro, atende. (bate-lhe no rosto) Mauro, oh Mauro!

MAURO

O que é?

ROBERTO

Vamos acorda, já chegamos em casa.

MAURO

Então vamos dar volta outra vez.

ROBERTO

ROBERTO

(sacudindo-o) Mauro!....

ANTONIO

Vamo jogá um poco dagua nele, seu Roberto? Ele acorda logo.

ROBERTO

Um pouco de amoniaco é que seria bom dar para ele cheirar.

ANTONIO

A tia Barbina tem. É com isso que ela cura as minha. Qué que vá pidi?

ROBERTO

Vá, mas não faça barulho, hein? Cuidado, não vá acordar Marguerite que teremos aqui uma cena das mais desagradaveis.

ANTONIO

"um tenha medo, seu Roberto, eu num faço barulho nium. (saindo) Eu já fui ladrão de galinha. (sai)

ROBERTO

Mauro, meu velho, acorda. Você precisa tirar essa roupa, Mauro!

MAURO

Não anola. Deixa-me dormir.

ROBERTO

Mas você não pode dormir aqui no sofá da sala, Mauro. Você precisa ir deitar-se na sua cama. Vamos, reaja. Eu lhe ajudo, levante-se.

MAURO

Que horas são?

ROBERTO

São quasi cinco horas da manhã. Não demora nascer o sol. Vamos, levante-se.

CENA IV

Os mesmos e Balbina.

BALBINA

(entrando com o vidro de amoniaco na mão) O que foi, seu Roberto? Eu parece que tava adivinhando. Tava tão afrita. O que é que tem o meu fio?

ROBERTO

Cuidado, Balbina, fale baixo. Marguerite pode acordar-se e fará um barulho com todos nós.

BALBINA

O que é que ele tem, seu Roberto?

ROBERTO

Nada de mais. Carregou um pouco nos cok-tails e ficou um vocado tonto. Cheirando amoniaco passa.

BALBINA

Tá aqui. O Antonho foi pidi eu vim trazê.

ROBERTO

(abrindo o vidro) E ele onde está? Preciso que me ajude a levar Mauro para o seu quarto.

BALBINA

Disee que tava munto cansado e que ia se deitá.

ROBERTO

(segurando a cabeça de Mauro e encostando-lhe o vidro nas narinas) Ah, negrinho senvergonha! (a Mauro) Vamos, meu velho, cheira.

MAURO

(cheirado e recuando estonteado) Que negocio é esse?

ROBERTO

Cuidado, Mauro, ãõ faça barulho. Vamos, cheire mais um pouco.

MAURO

Ttãre esse negocio daqui.

ROBERTO

É melhor fechar aquela porta, Balbina. Marguerite pode ouvir.

BALBINA

Ela tava acordada inté a um mucedo. Veio aqui na janela, ispiô, dispois foi pro quarto e se deitô. Num faiz munto eu inspiei na porta e ele tava drumindo.

ROBERTO

Ela teria dado galta de Mauro? Teria ido ao quarto dele?

BALBINA

Num sei o que é que se passa cum a patroa, seu Roberto, mas deis que o seu Mauro começô a vi tarde pra casa que ela ãõ apaga a luz do quarto sinão quando ovê a buzina do artomovi na curva da instrada.

ROBERTO

Será possível, Balbina? E como, então, nada reclama das suas idas á cidade e mostra-se tão indiferente ás horas que ele vãta?

BALBINA

Não sei, seu Roberto, mas hai muntos dias que eu venho assuntando que aqui tem coisa!

ROBERTO

É estranho tudo isto, realmente. (voltando a fazer Mauro cheirar o vidro) Mauro, meu velho. Vamos fazer uma forcinha. Eu lhe ajudo a levantar, vamos.

MAURO

Levantar pra que?

ROBERTO

Para ir deitar no seu quarto. Você não pode ficar aqui.

MAURO

Eu durmo aqui mesmo. Vá você dormir que é muito tarde.

ROBERTO

( a Balbina) Ele já está mais esperto. (sacudindo-o) Mauro! Mauro!

BALBINA

Si a gente desse um cafésinho sem assucri? Sempre uvi dizê que era bão pra essas coisa.

ROBERTO

Faria bem, sem duvida.

BALBINA

Eu vô fazê um momentinho. (sae)

ROBERTO

Mauro, meu velho, acorda.

MAURO

Eu estou acordado, Roberto.

ROBERTO

A Balbina foi buscar um café quentinho para você. Você vai melhorar logo.

MAURO

Melhorar de que? Eu não tenho nada. (Roberto vai ao fundo, abre a janela para traz. Começa a amanhecer).

ROBERTO

Já está amanhecendo. (ouve-se passos. Roberto esconde-se. Marguerite entra e sem perceber que Mauro está deitado no sofá vai ao fundo e fica a olhar algum tempo para fora. Encosta-se a um dos lados da janela, esfrega a mão pela testa como a procurar afastar um pensamento qualquer que a tortura e finalmente desce até o piano onde se senta e começa a tocar o Réve d'Amour de Liszt. A esse tempo já está amanhecendo e um raio de luz penetra da janela até o piano, iluminando-a brandamente. Um momento após ter começado o piano Mauro senta-se no sofá, esfrega os olhos como alguém que deseja verificar si é realmente aquilo que está vendo, levanta-se, entre alegre e atônito, dá dois passos para ela, torna a esfregar os olhos aproximando-se mais e mais cada vez. Chega por fim bem perto dela sem que ela o presinta. Estende a mão para tocar-lhe a cabeça mas recolhe-a com medo de que ~~mas~~ ao seu contacto aquela visão se extinga. Após duas ou tres tentativas ele resolve-se finalmente tocar-lhe o hombro. Ela leva um susto. Levanta-se e vira-se bruscamente de frente para ela com as duas mãos sobre o coração. Ela começa a apalpar-lhe a cabeça, os hombros e os braços, a falar numa alegria incoitada.)

MAURO

Helenita, meu amor!... És tu mesma que estás aqui? Será mesmo verdade que voltaste novamente para mim? Fala, Helenita, quero ouvir a tua voz. Quero ter a certeza de que não me engano. Tenho sofrido muito, Helenita, muito! Vamos, fala, diz que voltaste para enxugar o meu pranto. É a ti que eu amo, Helenita e só agora, infelizmente o reconheço! (abraça-se a ela e

beija-a apaixonadamente. Roberto entra, aproxima-se do piano e faz luz de um abt-jour pois a cena deverá estar na penumbra da manhã que principia. Mauro olha para a mulher que tem nos braços, desprende-se dela atordado e esfregando com força os olhos como a querer enxergar melhor o que se passou. Mas o que é isto, Meu Deus?...Eu estarei sonhando? Marguerite

HELENITA

(voltando ao seu tom anterior de voz). Não, Mauro, não estás sonhando. É Helenita mesmo que tens diante de ti. (olhar e gesto de grande surpresa tanto de Roberto como de Mauro. Roberto que manteve parado no mesmo lugar em toda a cena anterior.)

MAURO

Mas como se explica isso?

HELENITA

Explica-se facilmente, Mauro. Lembras-te quando uma vez - ha dois anos passados, aqui nesta mesma sala, tu me falaste da mulher que havias sonhado?

MAURO

Lembro-me sim.

HELENITA

E lembras-te, tambem, que te aconselhei a correr em busca da felicidade. Aquilo que tu julgavas ser a tua felicidade?

MAURO

Lembro-me.

HELENITA

Pois bem, quando saíste por aquela porta, Mauro eu senti que o mundo havia desabado a meus pés. As tuas palavras queimava-me os ouvidos e o coração. "quero uma mulher alegre, viva, elegante, capaz de despertar inveja aos outros homens! que tenha os dentes brancos como a poeira branca do luar, e os cabelos negros como uma noite sem estrelas!..." Revoltei-me contra a natureza que me havia feito assim esquivada, traída, insignificante e chorei, Mauro, as lagrimas mais amargas de toda a minha vida. Vendo depois que não me seria possível viver sem ti, sabendo que continuavas a buscar a mulher do teu sonho, resolvi ouvir o conselho que tu mesmo uma vez me havias dado e lutar tambem pela minha felicidade. Fiz constar a todos que embarcava para o Chile, quando na verdade embarcava para São Paulo. Um instituto de beleza, os grandes ateliers e mais tarde aquele encontro preparado em casa de "adame Suzete, minha suposta tia, encarregaram-se do resto.

MAURO

Oh, Helenita, Helenita!...Porque me fizeste sofrer todo este tempo? Porque foste tão má para mim si o teu maior desejo era ter-me a teu lado?

HELENITA

Porque eu desejava que tu me quizessees tal qual eu era e para isto tornava-se necessario que te decepcionasses primeiro com aquele tipo de mulher que te havia envenenado a alma e o pensamento. Perdoa-me Mauro, eu sei que te fiz sofrer muito mas acredita que sofri tanto ou mais do que tu.

ROBERTO

(aproximando-se aos dois e batendo no hombro de Mauro) Mauro, meu amigo: não foi um sonho ruim que tu tiveste, foi um pesadelo, um terrivel pesadelo. Contudo conseguiste acordar antes que ele te conduzisse a uma grande desgraça. Tens agora a taça da felicidade em tuas mãos. Trata de bebe-la

em grandes tragos antes que ela se evapore. (abraçando os dois) E sejam felizes! Muito felizes....(quasi chorando) É tudo quanto lhes peso/ço de-sejar.

MAURO

O que é isto, Roberto, tu estás chorando?

ROBERTO

(sorri e enxugando as lagrimas) Não é nada, Mauro. É comoção apenas. Estou contente por ver-te feliz.

MAURO

Meu bom amigo!...(transição, abraçando e beijando Helenita) Másinha!

HELENITA

Dize-me, Mauro, se agora queres ainda que eu continue a creatura viva, irrequieta e original capaz de encher de inveja a todos os homens que te vissem sem levar-me pelo braço?

MAURO

Não. Helenita, quero-te tal e qual como tu foste, antes de eu haver compreendido que te amava. Marguerite deve desaparecer para sempre de minha vida e em vez do seu riso cascadeante como os cristais de uma noite esplendente de orgia e de luz, quero a suavidade do teu sorriso doce como a tímida alvorada que desponta....(vão os dois abraçados ao fundo da cena contemplar a manhã que a pouco e pouco vem despertando no horizonte).

BALBINA

(entrando) Olha o cafésinho, seu Roberto, está bem forte, bem quentinho e sem assucrí. O sinhô vai vê como ele desperta no mesmo momento.

ROBERTO

Não é mais preciso, minha boa Balbina. Ele já bebeu alguma coisa bastante mais forte do que o café e despertou finalmente para a vida. Olha, (aproximando-se dos dois, Balbina faz uma cara de admiração enorme). Alá estão os dois embriagados de felicidade assistindo o raiar de um novo dia! (os dois estão no avarandado ao fundo, iluminados por um raio de luz amarela, olhando o despertar do sol. Um vento brando fará esvoaçar os cabelos e o pagnoir de Helenita.)

BALBINA

(ajoelhando-se e levantando as mãos para o céu) O Deus do céu ouviu as reza da preta veia. Munto obrigado, meu Deus, munto obrigado! (Roberto aproxima-se dela e ajuda-a a levantar-se).

ROBERTO

Agora estás contente, não é verdade minha boa Balbina?

BALBINA

Tô, seu Roberto, muito contente. E o sinhô tambem, num é seu Roberto?

ROBERTO

Tambem, Balbina, muito contente.

BALBINA

Mas o sinhô tá chorando seu Roberto, porque? O que é que o sinhô tem?

ROBERTO

Nada, Balbina, nada. A vida é assim mesmo: " para cada dois que sorriem, ha sempre um terceiro que chora!...

FIM

-----